

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

Programa de Pós-Graduação em Administração
Mestrado

Roque Francisco Silva de Oliveira

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA:
um estudo sobre o comportamento financeiro de estudantes de
Belo Horizonte.**

Belo Horizonte

2017

Roque Francisco Silva de Oliveira

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA:
um estudo sobre o comportamento financeiro de estudantes de
Belo Horizonte.**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para aprovação no Mestrado em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Alves Oliveira Melo.

Linha de pesquisa: Estratégia, Inovação e Competitividade.

Área de concentração: Organização e Estratégia.

Belo Horizonte
2017

FICHA CARTOGRAFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

FOLHA DE REVISÃO

*Dedico este trabalho aos meus pais,
José Ventura de Oliveira e Maria Maura Silva de Oliveira,
que em seus esforços me apoiaram a buscar o que desejo,
me ensinando a nunca fraquejar.
Vocês são minha base e o que de melhor eu poderia ser.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus por estar sempre ao meu lado em todos os momentos da minha vida, e por me conceder a oportunidade de realizar o mestrado, cuidando e me guiando para que todos os detalhes fossem concluídos, me garantindo assim a graça dessa dádiva.

Aos meus pais, José Ventura e Maria Maura, que formaram a base que me sustentou para que chegasse até aqui. Seus esforços durante toda a minha vida, me conduziu para o que sou hoje, e tudo o que posso fazer e farei por vocês, ainda é pouco para retribuir o amor que vocês me dedicaram.

Aos meus irmãos, Robson, Robert e Rômulo, os quais fazem da minha vida mais divertida, a presença de vocês, mesmo em poucas conversas, me ajudou muito em momentos inesperados, amo vocês.

A professora e amiga Xina, pelo apoio e ensinamentos durante o período em que eu era seu bolsista. Sua alegria é contagiante, e foi umas das coisas que me manteve em pé nos momentos de fraqueza.

Ao meu amigo e irmão Christian, que sempre me ajudou, seja com ideias nas pesquisas, dicas, brincadeiras ou palavras de incentivo. Cara, não sei nem como agradecer sua presença em minha vida, e essa presença por si já fez tudo valer a pena.

A minha amiga, irmã e psicóloga Aninha, que leu meu trabalho inúmeras vezes e me deu incentivos, conselhos e até sermões, para que eu continuasse no caminho certo e nunca desistisse.

Ao meu bom amigo Pedro, que do seu jeito se fez presente nos momentos bons e ruins da minha pesquisa. Sem sua ajuda eu não teria passado pelo aeroporto de Madri, e sem nossas conversas eu certamente não iria progredir em muita coisa.

Ao meu orientador, por todas as vezes que contribuiu para que este trabalho se tornasse o que é hoje.

Ao professor Wendel, que contribuiu significativamente no desenvolvimento da pesquisa. Dando-me conselhos que certamente servirá para a vida.

Ao professor, e agora doutor, Marco Aurélio Ramos, que fez parte da minha trajetória acadêmica desde o início da minha graduação e que tive o prazer de ter como membro da minha banca de dissertação. Obrigado por suas contribuições, franqueza e incentivos.

As amigas Wânia e Rachel, que me aturaram este tempo todo, me puxando a orelha, dando conselhos e desabafando nossas frustrações. Gosto muito de vocês duas.

Aos demais amigos da iniciação científica e bolsistas de mestrado, que de alguma forma contribuíram com minhas demandas, seja em relação à pesquisa ou desabafos, e até mesmo cobrança, irei guardar todos no meu coração.

Aos meus grandes amigos Thiago e Ângela, Luís, Luiz Gustavo e Melissa, Fábio, Amanda, que me incentivaram a buscar o que gosto sem nunca afastar, me aturou nas minhas falhas e vontade de matar alguém. Acompanharam-me em aventuras e farras, sem nunca perder o que cultivamos ao longo da nossa amizade.

Aos meus queridos amigos de coordenação: Rafaela, Jéssica, Mirian, Thatyane e César, dois anos foram pouco para uma amizade tão forte, mas como sempre falamos, não acabou ali, vocês são preciosos para mim, e fazem parte desta história.

Aos meus amigos: Léo e Mila, Mary e Lud, Jana, Tânia e demais trouxas, que sempre buscaram saber como eu estava e como iam meus estudos. A preocupação de vocês me fazia querer chegar mais alto.

As amigas que conquistei durante as aulas do mestrado: Indira, Tainã, Magda e Isabel, estar com vocês fez cada momento inesquecível!

A CAPES por me proporcionar a oportunidade de fazer o meu mestrado, por meio de uma bolsa de estudos, sem este apoio nada disso poderia ter se realizado.

Por fim, a todos meus familiares e amigos, que torceram e fizeram parte direta e indiretamente desta conquista, o meu mais sincero obrigado!

*“Não se preocupe com imagens, as melhores lembranças são guardadas na mente
e no coração. ”*

(Autor desconhecido)

*“E a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado em nossos
corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. ”*

(Rm 5,5)

RESUMO

O governo aumentou o crédito para as famílias brasileiras, com a intenção de incentivar o consumo a curto prazo. As famílias envolveram cada vez mais com o mercado financeiro, porém sem o devido conhecimento, acabavam por cair nas armadilhas do sistema financeiro. Deste modo o BACEN, criou junto a sociedade a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), a fim de promover a educação financeira, favorecendo o crescimento da cidadania e auxiliando na tomada de decisão dos consumidores brasileiros. Esta pesquisa utilizou o estudo de Gilligan (2012) como base para analisar a educação financeira de estudantes de Belo Horizonte. A presente pesquisa tem como objetivo: descrever e analisar os componentes do modelo conceitual apresentado por Gilligan (2012), que refletem na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte. A pesquisa tem uma abordagem quantitativa a qual analisou 594 questionários respondidos por estudantes, sobre seu comportamento financeiro, por meio de uma análise exploratória, análise de testes não paramétricos e modelagem de equação estrutural. Os resultados da pesquisa apontaram que os estudantes consideram o conhecimento que possuem acerca de educação financeira, e demonstram preocupação e habilidade para planejar suas finanças, pensando nas consequências futuras de suas atitudes e se preocupam quando não conseguem honrar seus compromissos do dia a dia. Tais resultados apontam também que, estruturalmente os indicadores estabelecidos pelo modelo de Gilligan (2012) e Donadio (2014) explicam seus constructos, suas cargas fatoriais elevadas validam o modelo proposto, porém estes constructos não possuem uma relação significativa com a educação financeira da população estudada. Um achado interessante foi em relação ao gênero, que contrariando outras pesquisas, as mulheres demonstraram maior nível em relação ao conhecimento adquirido e à auto eficácia percebida, do que os homens. Em contrapartida, os estudantes do gênero masculino, tiveram um nível mais elevado em relação à preocupação com o futuro e com o estresse financeiro. Percebeu – se porém, que em relação ao conhecimento financeiro, mensurado pelas notas ponderadas, foi evidenciado que as mulheres possuem um conhecimento médio menor que os homens. Como limitações do estudo, tem a atribuição da nota do constructo Educação financeira por meio de média ponderada, o qual é completamente diferente das demais variáveis que eram mensuradas por escala *Likert*. Sugere-se fazer uma pesquisa com o corpo docente das escolas, a fim de comparar as percepções dos professores e alunos. Outra sugestão que ocorreu durante a pesquisa é avaliar como é o comportamento do indivíduo que deseja ter uma boa saúde financeira, mas ao mesmo tempo se sente compulsivo em comprar as coisas de seu interesse.

Palavras-chave: Educação Financeira; Estudantes; Modelagem Equações Estruturais.

ABSTRACT

The government increased credit for Brazilian families, with the intention of encouraging short-term consumption. Families became more and more involved with the financial market, but without proper knowledge, they ended up falling into the trap of the financial system. In this way, BACEN created the National Strategy for Financial Education (ENEF) in order to promote financial education, favoring the growth of citizenship and assisting in the decision-making process of Brazilian consumers. This research used the study of Gilligan (2012) as a basis to analyze the financial education of students of Belo Horizonte. The present research aims to: describe and analyze the components of the conceptual model presented by Gilligan (2012), which reflect in the financial education of Belo Horizonte students. The research has a quantitative approach which analyzed 594 questionnaires answered by students, about their financial behavior, through an exploratory analysis, analysis of non-parametric tests and structural equation modeling. The research results showed that students consider their knowledge about financial education and show concern and ability to plan their finances, thinking about the future consequences of their attitudes, and worrying about when they can not honor their day-to-day commitments. These results also point out that the indicators established by the Gilligan (2012) and Donadio (2014) models explain their constructs, their high factor loads validate the proposed model, but these constructs do not have a significant relationship with the financial education of the studied population. An interesting finding was in relation to the gender, which, contrary to other studies, showed a higher level of acquired knowledge and perceived self-efficacy than men. On the other hand, male students had a higher level of concern for the future and financial stress. It was noticed, however, that in relation to the financial knowledge, measured by the weighted notes, it was evidenced that the women have an average knowledge lower than the men. As limitations of the study, we have the attribution of the financial education construct through a weighted average, which is completely different from the other variables that were measured by Likert scale. It is suggested to do a research with the faculty of the schools, in order to compare the perceptions of teachers and students. Another suggestion that occurred during the research is to evaluate how the behavior of the individual who wishes to have good financial health, but at the same time feels compulsive in buying the things of their interest.

Keywords: Financial Education; Students; Modeling Structural Equations.

FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

Figura 1 - Dimensões da educação financeira	30
Figura 2 - Modelo Proposto	38
Figura 3 - Diagrama de Caminhos	80
Quadro 1 - Hipóteses de Pesquisa.....	48
Quadro 2 - Estrutura do Questionário	49
Quadro 3 - Questões sobre Conhecimento Adquirido	50
Quadro 4 - Questões sobre Auto Eficácia Percebida	51
Quadro 5 - Questões sobre Expectativas de Futuro	51
Quadro 6 - Questões sobre Estresse Financeiro	52
Quadro 7 - Questões Básicas de Educação Financeira.....	53
Quadro 8 - Questões Avançadas de Educação Financeira.....	53
Quadro 9 - Questões de Endividamento	54
Quadro 10: Sumário dos Resultados Obtidos a Partir do Modelo Revisado.	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gênero da amostra pesquisada	59
Tabela 2 - Faixa Etária da amostra pesquisada	59
Tabela 3 - Estado civil	60
Tabela 4 - Condição de Moradia da amostra pesquisada	60
Tabela 5 - Escolaridade da amostra pesquisada	61
Tabela 6 - Instituição de Ensino	61
Tabela 7 - Características do trabalho	62
Tabela 8 - Setor do trabalho.....	62
Tabela 9 - Renda Pessoal.....	63
Tabela 10 - Tabela de classe social.....	63
Tabela 11 - Renda Familiar.....	63
Tabela 12 - Estatística descritiva dos indicadores da pesquisa	64
Tabela 13 - Conhecimento adquirido x escolaridade	65
Tabela 14 - Conhecimento adquirido x gênero.....	66
Tabela 15 - Conhecimento adquirido x renda familiar	67
Tabela 16 - Auto eficácia x escolaridade.....	68
Tabela 17 - Auto eficácia x gênero.....	69
Tabela 18 - Auto eficácia x renda familiar	69
Tabela 19 - Expectativa de futuro x escolaridade.....	70
Tabela 20 - Expectativa de futuro x gênero.....	71
Tabela 21 - Expectativa de futuro x renda familiar	71
Tabela 22 - Estresse financeiro x escolaridade.....	72
Tabela 23 - Estresse financeiro x gênero	72
Tabela 24 - Estresse financeiro x renda familiar	73
Tabela 25 - Indicadores.....	74
Tabela 26 - Teste educação financeira	75
Tabela 27 - Nota média de educação financeira	77
Tabela 28 - Nota média educação financeira x escolaridade	78
Tabela 29 - Nota média educação financeira x gênero	78
Tabela 30 - Nota média educação financeira x classe social	78
Tabela 31 - Modelo Fatorial.....	82
Tabela 32: Resultados constructo Capital Social	84

Tabela 33: Resultados constructo Autoeficácia percebida.....	84
Tabela 34: Resultados constructo Expectativa de Futuro.	85
Tabela 35: Resultados constructo Estresse Financeiro.	86
Tabela 36: Resultados constructo Educação Financeira.	86
Tabela 37: Descrição das relações do modelo estrutural.....	87
Tabela 38: Medidas de Qualidade do Modelo Estrutural.....	89

LISTA DE ABREVIações

Associação De Educação Financeira Do Brasil (AEF-Brasil)
Banco Central Do Brasil (BACEN)
Base Nacional Comum Curricular (BNCC),
Biblioteca Digital De Teses E Dissertações (BDTD),
Bolsa De Valores De São Paulo (BOVESPA)
Comissão De Valores Mobiliários (CVM)
Confederação Nacional Do Comércio De Bens, Serviços E Turismo (CNC),
Educação De Jovens E Adultos (EJA)
Estratégia Nacional De Educação Financeira (ENEF)
Fundo Monetário Internacional (FMI)
Instituição De Ensino Superior (IES)
Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística (IBGE)
Ministério Da Educação (MEC)
Modelagem De Equações Estruturais (SEM)
Organização Para Cooperação Econômica E Desenvolvimento (OCDE)
Pesquisa Nacional De Endividamento E Inadimplência Do Consumidor (PEIC)
Plano Nacional De Educação (PNE)
Produto Interno Bruto (PIB)
Sistema Financeiro Nacional (SFN)
Teoria Da Consideração De Consequências Futuras (CCF)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	Objetivos	23
1.1.1	Objetivo geral.....	23
1.1.2	Objetivos específicos.....	23
1.2	Justificativa.....	24
2	REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1	Educação financeira.....	26
2.2	Modelo de Gilligan.....	31
2.2.1	Teoria do Capital Social.....	32
2.2.2	Teoria da Autoeficácia Percebida	33
2.2.3	Teoria da Consideração de Consequências Futuras (CCF).....	35
2.2.4	Estresse Financeiro.....	37
2.3	Estudos anteriores sobre educação financeira	39
3	METODOLOGIA	47
3.1	Tipo, abordagem e método	47
3.2	Hipóteses de Pesquisa.....	47
3.3	População e amostra.....	48
3.4	Técnica de Coleta de Dados	49
3.4.1	Instrumento de Coleta de Dados.....	50
3.4.1.1	Características Socioeconômicas.....	50
3.4.1.2	Escala de expectativas de futuro	50
3.4.1.3	Escala de Auto Eficácia Percebida	51
3.4.1.4	Escala sobre Expectativas de Futuro	51
3.4.1.5	Escala de Estresse Financeiro	52
3.4.1.6	Teste de conhecimento Financeiro.....	53
3.5	Tratamento dos Dados.....	54
3.5.1	Técnica de análise exploratória dos dados.....	55
3.5.2	Testes não paramétricos	56
3.5.3	Modelagem de equações estruturais.....	56
4	RESULTADOS DA PESQUISA	59
4.1	Perfis da amostra.....	59
4.1.1	Gênero	59
4.1.2	Faixa etária	59
4.1.3	Estado civil.....	60
4.1.4	Condição de Moradia	60
4.1.5	Escolaridade e Instituição de Ensino	61
4.1.6	Características do trabalho atual	62
4.1.7	Renda Pessoal	62
4.1.8	Renda Familiar	63
4.2	Análise dos testes não paramétricos	64
4.2.1	Capital social	65
4.2.2	Auto eficácia percebida	68
4.2.3	Expectativa de futuro	70

4.2.4	Estresse financeiro.....	72
4.2.5	Análise descritiva geral.....	73
4.2.6	Conhecimento Financeiro.....	75
4.2.5.1	Atribuição de Peso e nota.....	77
4.3	Modelagem de equação estrutural (SEM).....	79
4.3.1	Diagrama de Caminhos:.....	79
4.3.2	Modelo de Mensuração:.....	80
4.3.3	Modelo Estrutural:	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS.....	98
	APÊNDICE A	105

1 INTRODUÇÃO

O Brasil vem passando por um período de mudanças, com a oscilação da economia e o conflito político em relação ao *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, e essas dimensões, econômicas e políticas, têm influências umas nas outras. Considerando o âmbito econômico, o país possui um desempenho ruim no Produto Interno Bruto (PIB), com uma queda de 3,6% do ano de 2015 para 2016, o que resultou em redução da demanda, aumento do número de desemprego, elevação da taxa de juros e da inflação, e queda na arrecadação de tributos (PEREIRA, 2016; ADVFN, 2017).

Ademais, o Fundo Monetário Internacional (FMI) começou a observar um cenário futuro mais favorável para o Brasil. Revisando as projeções para a economia, o FMI possui uma previsão de expansão do PIB brasileiro em 0,5% para o ano de 2017, taxa que até tal análise era prevista como zero. A base para essa previsão está na confiança do consumidor e de empresas que agora começam a se recuperar (BRASIL, 2016).

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) divulgou, em sua Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), que houve uma redução de 4,5% no número de famílias endividadas – de 61,1% de dezembro de 2015 para 56,6% em dezembro de 2016. Essa redução nos níveis de endividamento se deve a fatores como: manutenção de crédito mais caro, alta taxa de juros e aumento no número de desemprego (CNC, 2016).

Embora a quantidade de famílias endividadas tenha diminuído, esse fato não foi motivado por uma conscientização financeira por parte da população, mas sim porque houve uma redução de 3% da força de trabalho – de 91% em dezembro de 2015 para 88% em dezembro de 2016 (IBGE, 2016).

Donadio (2014) expõe em seu estudo a falta de preparo da população brasileira para gerenciar as suas finanças pessoais. Essa análise recebe ainda maior respaldo com os dados informados pelo CNC (2016), em que do total das inadimplências, em dezembro de 2016, 77,1% são dívidas com cartões de crédito, 14,4% de carnês,

10,4% financiamento de carros, 9,8% por crédito pessoal e 22,7% referentes a cheques especiais e pré-datados, créditos consignados, dentre outros. Em média, 30% das famílias estão endividadas, sendo que 21,5% alegam ter mais de 50% de sua renda comprometida.

Savóia *et al.* (2007) demonstram em seu estudo que a visão imediatista da população, que tinha como foco a capacidade de quitar suas dívidas e os ativos reais (imóveis, terras e outros), foi tomando um outro olhar, através do vislumbre de um contexto diversificado, onde havia o alongamento dos prazos, com os ativos financeiros ganhando uma maior importância. Somado a isso, houve, por parte do governo, ações de incentivo ao consumo de curto prazo das famílias brasileiras, através do aumento do crédito. Nesse contexto, as pessoas passaram a se envolver cada vez mais com as questões financeiras, visando seu bem-estar econômico, e o mercado financeiro se encontra cada vez mais complexo.

Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011) expõem a falta de conhecimento financeiro das pessoas, em se tratando dos mais básicos princípios econômicos. Ainda na pesquisa é demonstrado que a preocupação sobre poupar para a aposentadoria é cada vez mais esquecida e substituída por dívidas em excesso, gerando uma crescente preocupação nos autores.

Braido (2014) ressalta que muitas pessoas que agora têm um maior acesso ao crédito estão se tornando consumidores impulsivos, assumindo mais prestações que seus rendimentos podem suprir, levando assim ao endividamento. Para o autor, não apenas na gestão de organizações, mas também na gestão de finanças pessoais, é necessário que haja uma boa administração e conhecimento.

Visando atender a essa demanda de conhecimento acerca da gestão financeira, que vem sendo tratada por diversos autores em âmbito mundial (BEAL; DELPACHITRA, 2003; LUSARDI; MITCHELL, 2011; HSU-TONG *et al.*, 2013; OCDE, 2014; POTRICH, VIEIRA; KIRCH, 2016), o Banco Central do Brasil (BACEN, 2014) criou a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), para promover e estabelecer a educação financeira de modo a contribuir com o crescimento da cidadania, auxiliar no fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e para a correta tomada de

decisão das pessoas. Nesse programa, foi formulado um Guia de Excelência de Educação Financeira na Oferta de Serviços Financeiros, que tem como objetivo principal a divulgação de práticas que “contribuem para a educação financeira do consumidor” (BACEN, 2014, p. 7).

Na visão do BACEN (2014), a educação financeira pode ser definida como um processo através do qual as pessoas melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros, e buscam se formarem como indivíduos responsáveis pelo futuro.

Remund (2010), em seu estudo, traz uma abordagem da educação financeira como um conjunto de atributos e não um processo. Nas palavras do autor:

Educação financeira é a medida do grau em que um indivíduo entende os principais conceitos financeiros e possui a habilidade e confiança para administrar, de forma apropriada, suas finanças pessoais, por meio de decisões de curto prazo e planejamento financeiro de longo prazo, em meio aos eventos que ocorrem em sua vida e às mudanças de condições econômicas (REMUND, 2010, p. 284).

Gilligan (2012) fez uso do conceito de Remund (2010) e identificou três atributos: a) o conhecimento sobre finanças pessoais; b) a aplicabilidade de tal conhecimento com habilidade e confiança para transformá-lo em ações que auxiliam na administração de suas finanças adequadamente; e c) reconhecer as circunstâncias temporais e circunstanciais na tomada de decisão financeira, no curto e longo prazo. Tais atributos são apoiados por teorias dos campos da sociologia e psicologia.

- a) Teoria do Capital Social: termo conceituado por Portes (2010) como a capacidade de medir recursos em consequência da participação de estruturas e redes sociais amplas, evidenciando não apenas a influência dos indivíduos e seus familiares, mas também relacionando o aspecto do controle social. Tal teoria está ligada ao atributo do conhecimento adquirido sobre finanças pessoais.
- b) Teoria da Autoeficácia Percebida: esse termo é definido por Bandura (1982) como o julgamento que o indivíduo possui para lidar com sua própria gestão

financeira pessoal. O atributo ligado a essa teoria é referente à aplicação do conhecimento financeiro com habilidade e confiança.

- c) Teoria das Considerações das Consequências Futuras: aqui definido por Strathman *et al.* (1994, p.743), como “a medida em que as pessoas consideram os possíveis resultados distantes de seus comportamentos atuais e até que ponto eles são influenciados por esses resultados potenciais”. Aqui, essa teoria se aplica ao atributo de tomada de decisão sobre as questões financeiras pessoais, seja ela imediata ou visando ao futuro.

Para complementar o seu modelo teórico, Gilligan (2012) adicionou um atributo referente ao estresse financeiro, em que o estresse e a ansiedade representam consequências de uma má administração financeira pessoal. Tal estresse pode ser indicativo de baixa educação financeira somada a outras condições, como situação econômica difícil. Para o propósito deste estudo, o estresse financeiro é definido como qualquer dificuldade percebida devido a emergências financeiras imprevistas ou recursos financeiros inadequados.

Mckenzie (2009) faz menção à defasagem da educação financeira, que é gerada por um ciclo vicioso no qual os pais que não são educados financeiramente se tornam os primeiros difusores dos ensinamentos financeiros para os filhos. E, para que seja quebrado esse ciclo, as instituições de ensino se tornam responsáveis por essa tarefa, desde o ensino fundamental até o superior.

Tal tarefa se torna árdua, uma vez que a deficiência da educação financeira é fortemente difundida e afeta tanto jovens quanto adultos, não apenas no Brasil, mas em diversos países do mundo (LUSARDI; MITCHELL, 2011).

Considerando a educação financeira em um nível escolar, atualmente no Brasil, o tema tem grande apoio para fazer parte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual tem como objetivo definir os conteúdos que irão compor os currículos escolares de educação básica nos próximos anos, determinado pelo Plano Nacional de Educação – PNE (MEC, 2016).

Essa inserção é operada pela Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil), que tem como missão tornar o tema educação financeira relevante com atuação nacional, através do desenvolvimento de tecnologias educacionais e sociais dispostas para a sociedade de forma gratuita (AEF-BRASIL, 2017).

Ainda de acordo com a AEF-Brasil (2017), a educação financeira não se trata de uma ferramenta de cálculo, mas sim uma leitura real do planejamento de vida, prevenção e realização pessoal e coletiva. Para tanto, é comum tratar esse assunto desde os anos iniciais da vida escolar, quando se dão os primeiros passos para os projetos futuros. Entendendo que a educação financeira é um tema transversal, o qual dialoga com diversas disciplinas do sistema de ensino básico, criou-se o Programa de educação Financeira nas Escolas, formado por dois projetos: ensinos médio e fundamental.

O Programa de Educação Financeira na Escola – Ensino Médio é uma tecnologia educacional desenvolvida e pronta para disseminação, e possui como diferenciais: 1) a responsabilidade socioambiental como um fator relevante e ligado ao comportamento do cidadão; 2) o aluno como um multiplicador do conhecimento dentro dos meios em que vive, em especial, sua família; e 3) a tomada de decisão autônoma, por considerar que há vários caminhos para lidar com as questões financeiras (AEF-BRASIL, 2017).

Esse programa foi testado nos anos de 2010 e 2011 com um projeto piloto, o qual contou com a participação de seis unidades federativas (DF, TO, RJ, MG, SP e CE) envolvendo 891 escolas públicas, e contando com a participação de 27 mil estudantes e 1800 professores. Após isso, houve uma avaliação rigorosa, feita pelo Banco Mundial, que apontou uma maior capacidade dos jovens em poupar, negociar preços, fazer listas de compras e de despesas, houve também uma participação dos pais dos alunos envolvidos, a qual fomentou um maior diálogo entre eles em relação as questões financeiras, como por exemplo orçamento doméstico familiar (AEF-BRASIL, 2017).

Após essa fase de projeto piloto, a AEF-BRASIL (2017), seguiu a estratégia de disseminação, a qual hoje, possui dois formatos: a) formato aberto, o qual possui

uma plataforma *online* aberta a qual disponibiliza gratuitamente material didático sobre o tema educação financeira; b) formato assistido, que por meio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 2014, as escolas que participaram do programa piloto, integram os programas ensino Médio Inovador e Mais Educação e tenham optado por oferecer educação financeira a seus alunos, receberam material didático impresso e ainda uma formação para os professores, afim de contribuir com a temática em sala de aula (AEF-BRASIL, 2017).

A partir do contexto apresentado, surge a seguinte questão norteadora deste estudo: **Quais os componentes do modelo conceitual apresentado por Gilligan (2012), refletem na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte?**

Diante disso, faz-se necessário apresentar os objetivos do presente estudo, a fim de responder ao problema proposto, o que ocorre nas próximas subseções.

1.1 Objetivos

Para que se possa alcançar resposta para tal questionamento, foram elaborados o objetivo geral e os específicos, os quais serão apresentados nos subtópicos seguintes.

1.1.1 Objetivo geral

Como objetivo geral, estabeleceu-se: Descrever e analisar os componentes do modelo conceitual apresentado por Gilligan (2012), que refletem na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte.

Para que tal objetivo seja alcançado, foram constituídos os objetivos específicos descritos a seguir.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Identificar e descrever o nível do constructo de capital social dos estudantes de Belo Horizonte - MG;

- b) Identificar e analisar o nível do constructo de autoeficácia financeira percebida que melhor representa os estudantes de Belo Horizonte - MG;
- c) Identificar e analisar qual o nível do constructo acerca de expectativas de futuro consideradas pelos estudantes de Belo Horizonte - MG;
- d) Analisar a que nível pode ser medido o identificador do construto referente ao estresse financeiro dos estudantes de Belo Horizonte - MG.
- e) Identificar a validação do modelo proposto por Gillian (2012), através de uma modelagem de equação estrutural (SEM).

1.2 Justificativa

Em uma análise bibliográfica dos principais bancos de dados do Brasil – Google Acadêmico, Spell, Scielo e Periódicos Capes –, foram encontrados 22 artigos relacionados ao tema educação financeira, dos quais 12 estudam a educação financeira relacionada com o ensino. Entre estes, 3 pesquisas relacionavam a educação financeira com a Educação de Jovens e Adultos (EJA); 2 relacionavam o tema com alunos do ensino médio; 2 faziam estudos com professores; 1 artigo estudou alunos de pós-graduação; 1 fez um estudo relacionado com alunos do ensino superior; 1 artigo teve como objeto de estudo alunos surdos; e os demais artigos estudavam uma escola privada e funcionários de uma IES (Instituição de Ensino Superior).

A mesma pesquisa bibliográfica foi feita no *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e foram encontradas 4 Teses e 42 dissertações das quais: 1 única tese relacionava o tema com estudantes, sendo estes do ensino superior; 13 dissertações relacionavam o tema ao ensino médio; 6 dissertações sobre a educação financeira no ensino fundamental; 3 abordavam a temática com estudantes de graduação; e 3 relacionavam o tema com alunos da EJA.

Observa-se que, embora o tema educação financeira seja alvo de pesquisas, ainda são poucos os estudos produzidos sobre essa temática, e nenhum dos estudos encontrados fez uma comparação da educação financeira entre estudantes dos diferentes níveis de ensino. Desse modo, este estudo se faz importante no âmbito

acadêmico, pois busca contribuir e difundir o conhecimento acerca da educação financeira de estudantes, independentemente do nível de ensino.

Esta pesquisa está estruturada em sete capítulos, sendo o primeiro referente à introdução, seguido do estudo teórico base para a pesquisa; o terceiro capítulo discorre sobre os aspectos metodológicos utilizados; no quarto capítulo, são demonstrados os resultados encontrados no estudo; no quinto capítulo, são apresentadas as considerações finais e, por fim, no último capítulo, estão elencadas todas as referências utilizadas na pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico que fundamenta esta pesquisa se inicia pela conceituação do tema Educação Financeira, seguido da apresentação do modelo teórico que se fez como base para a pesquisa, por fim serão abordados os estudos feitos sobre o tema anteriormente.

2.1 Educação financeira

O maior acesso aos produtos financeiros (em sua maioria, crédito pessoal, empréstimos em conta corrente, descontos de títulos, adiantamento ao depositante, etc.) gerou um significativo avanço no nível de endividamento das pessoas, acarretando problemas pessoais e prejudicando, assim, as instituições financeiras por meio da inadimplência (BRAIDO, 2014; KÜHL; VALER; GUSMÃO, 2016). Nessa observação, os autores percebem que o acesso aos produtos financeiros sem uma educação financeira aumenta o nível de endividamento dos consumidores.

Ainda para Kühl, Valer e Gusmão (2016), a falta da informação acerca dos assuntos financeiros compromete a renda familiar, afinal o indivíduo necessita ter um grau de educação financeira antes de ser inserido no mercado financeiro, ou então decisões equivocadas acarretarão em um comprometimento financeiro.

De acordo com o BACEN (2014), o difícil acesso às informações e o pobre conhecimento para compreender o mercado financeiro e suas características, riscos e oportunidades envolvidas fizeram com que surgisse uma estratégia conjunta, da sociedade e do Estado, denominada Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), com a finalidade de promover e estabelecer a educação financeira de modo a contribuir com o crescimento da cidadania, o fortalecimento eficiente e sólido do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e para a correta tomada de decisão das pessoas. Nesse programa, foi formulado um Guia de Excelência de Educação Financeira na Oferta de Serviços Financeiros, que tem como objetivo principal a divulgação de práticas que “contribuem para a educação financeira do consumidor” (BACEN, 2014, p. 7).

De acordo com Savoia, Saito e Petrini (2007, p. 1122), a educação financeira pode ser entendida como um meio de transmitir o conhecimento necessário para desenvolver nos indivíduos as habilidades para que eles tomem decisões seguras e fundamentadas, a fim de melhorar seu gerenciamento financeiro pessoal. Os autores ressaltam, ainda, que a educação financeira tem importância no mercado, uma vez que o cliente que detiver o conhecimento necessário terá uma capacidade maior de gerenciar, de forma consciente, seus recursos, evitando assim um dano à saúde financeira.

Lusardi e Mitchell (2011) complementam dizendo que, embora seja avaliada a educação financeira das pessoas, na prática, há uma dificuldade em avaliar o nível de informações financeiras que são assimiladas pelas pessoas, e como elas tomam suas decisões baseadas nesse conhecimento.

Hsu-Tong *et al.* (2013) definem a educação financeira como o conjunto de conhecimentos e ações que permitem às famílias formularem decisões mais assertivas e eficazes em relação a seus rendimentos financeiros.

Para o BACEN (2014), educação financeira é como um processo através do qual as pessoas melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros, e buscam se formarem como indivíduos responsáveis pelo futuro.

De acordo com o entendimento de Potrich, Vieira e Kirch (2016), a educação financeira é um processo em que se desenvolvem habilidades que auxiliam as pessoas na tomada de decisões mais assertivas e com uma boa gestão de suas finanças pessoais.

Na visão da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2014), a educação financeira é de grande valia para os consumidores, pois tal conhecimento os conduz a fazer um orçamento de sua renda, poupar, investir e evitar que sofram abusos e fraudes. Porém, com as mudanças demográficas, políticas e econômicas, o mercado financeiro – mais propriamente dito, o mercado de capitais – está se tornando cada vez mais sofisticado e oferece novos produtos cujos riscos e retornos não são de imediata compreensão.

A afirmativa de Matta (2007, p. 65), que diz que a educação financeira pode “qualificar as pessoas a serem melhores compradores, permitindo-os obter bens e serviços a custos menores”, é reforçada por Lusardi e Mitchell (2011), quando dizem que os consumidores que possuem maior facilidade em preparar um orçamento pessoal, realizar uma poupança e se preparar financeiramente para o futuro são aqueles que possuem maior nível de conhecimento financeiro, confirmando assim a importância da educação financeira na vida das pessoas e da sociedade.

Kühl, Valer e Gusmão (2016) afirmam que tal processo pode melhorar o poder de compra do consumidor de forma mais real, capacitá-lo para um maior consumo, além de incentivá-lo a poupar e investir, criar planos de poupança e orçamentos familiares, gerenciar os débitos e criar planos para decisão estratégica para a própria aposentadoria ou educação dos filhos.

Savoia, Saito e Santana (2007) demonstram em seus estudos que há algumas atividades isoladas, realizadas por entidades públicas e privadas, no que diz respeito à educação financeira, dentre as quais se destacam o Banco Central do Brasil (BACEN), a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), que buscam desenvolver algum programa de educação financeira. Em contrapartida, os autores informam que o Ministério da Educação (MEC) e as universidades não demonstram, em seus currículos escolares, um programa ou processo de educação financeira.

Manton *et al.* (2006), em seus estudos, afirmam que o conhecimento sobre finanças poderiam ter suas necessidades sanadas pelas universidades, pois concluíram que os alunos não são educados financeiramente de forma concreta no ensino médio, responsabilizando o ensino superior pela inclusão do tema educação financeira pessoal em sua grade curricular. Já para Pinheiro (2008), o ensino da educação financeira na fase infantil promove uma evolução vigorosa e ajuda na compreensão do valor do dinheiro, fazendo com que se aprenda como gerir e poupar.

Mandell (2008) reforça essa teoria quando demonstra, em seu trabalho, que é escasso o conhecimento sobre finanças pessoais na escola básica, assim como nas

universidades. Carecem desse conhecimento também profissionais já formados (VILAIN; PEREIRA, 2013; BRAIDO, 2014; MEDEIROS; LOPES, 2014), demonstrando assim uma preocupação sobre o assunto.

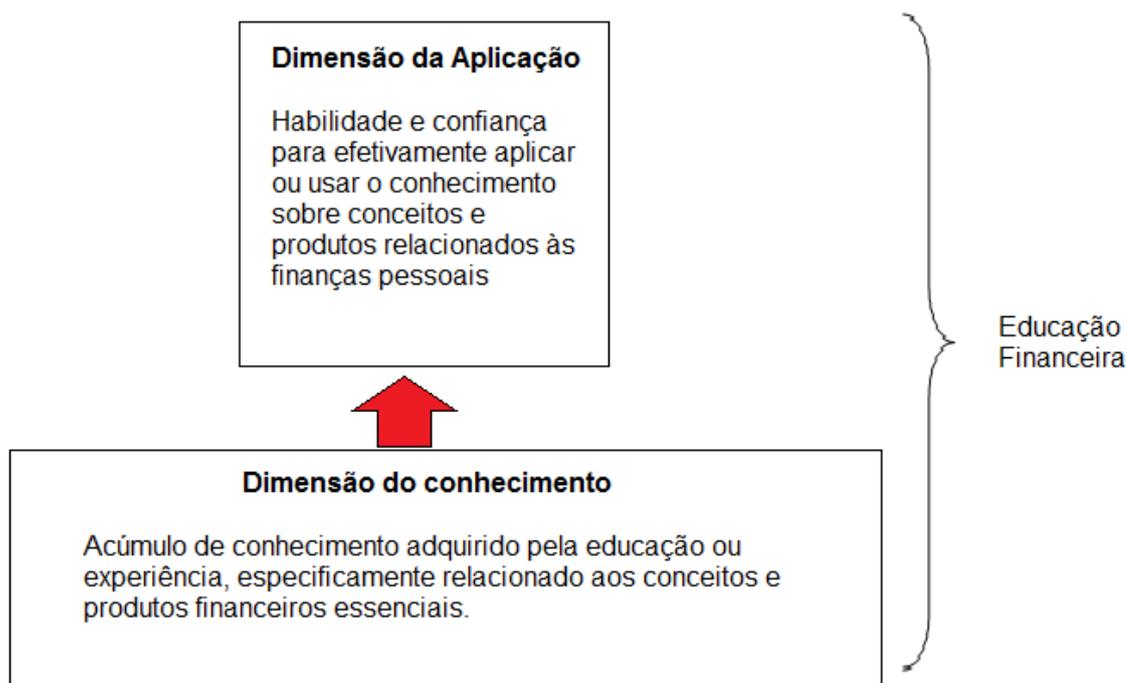
Moreira e Carvalho (2013) demonstram, também, nos resultados de seus estudos, o aumento do descontrole e endividamento das finanças pessoais de professores do Ensino Fundamental, ou seja, há uma necessidade da formulação de políticas educacionais que estimulem o consumo consciente e a educação financeira.

De acordo com Conto *et al.* (2015), o Brasil deve ter como exemplos os Estados Unidos, a Inglaterra e outros países da Europa, pois estes tratam a educação financeira de forma obrigatória em seus currículos, da educação básica até o ensino médio. Mesmo que o tema esteja se tornando recorrente no Brasil, ainda pouco se sabe e se estimula o comportamento financeiro de estudantes adolescentes.

Segundo Huston (2010), mesmo havendo várias definições acerca do conceito de educação financeira, foi observado que para tal construto ainda não há uma definição que seja aceita universalmente. Assim, revisando mais de 70 estudos sobre o tema, a autora define a educação financeira como sendo não apenas o conhecimento, mas também a aplicação de capital humano dedicado às finanças pessoais, tendo como consequência um comportamento que eleve o bem-estar financeiro do indivíduo. Porém, não apenas através do conhecimento financeiro, pois é necessário que o indivíduo tenha habilidade e confiança em aplicar tal conhecimento nas tomadas de decisões financeiras com o objetivo de elevar seu bem-estar.

Neste sentido, a autora demonstra que a educação financeira possui duas dimensões: a dimensão do conhecimento e a dimensão da aplicação, conforme exposto na FIG. 1.

Figura 1 - Dimensões da educação financeira



Fonte: Figura adaptada de Huston (2010, p. 307, tradução nossa).

Para Huston (2010), a educação financeira resulta não apenas do conhecimento financeiro adquirido pela educação ou experiência (dimensão do conhecimento), mas também da capacidade de aplicar tal conhecimento com habilidade e confiança (dimensão da aplicação).

Remund (2010) revisou em sua pesquisa 100 fontes sobre educação financeira e ressaltou que as diversas definições apresentadas se encaixavam em cinco atributos: conhecimento dos conceitos financeiros; habilidade de se comunicar através desses conceitos; capacidade em administrar suas finanças pessoais; maestria na tomada de decisões financeiras apropriadas; confiança em planejar-se financeiramente, efetivamente e visando às necessidades futuras.

Com base nos conceitos-chave com os quais se deparou na literatura, Remund (2010) define assim a educação financeira:

[...] é a medida do grau em que um indivíduo entende os principais conceitos financeiros e possui a habilidade e confiança para administrar, de forma apropriada, suas finanças pessoais, por meio de decisões de curto prazo e planejamento financeiro de longo prazo, em meio aos eventos que

ocorrem em sua vida e às mudanças de condições econômicas (REMUND, 2010, p. 284).

Com o objetivo de embasar o modelo proposto para esta pesquisa, a definição expressa por Remund (2010) foi adotada neste trabalho.

2.2 Modelo de Gilligan

O conceito de educação financeira proposto por Remund (2010) foi a base para o modelo proposto por Gilligan (2012), que também será adotado nesta pesquisa. Para Gilligan (2012), tal conceito capta características multidisciplinares da educação financeira.

Gilligan (2012) desenvolve seu modelo conceitual de educação financeira com base em três importantes componentes que estão contidos de forma implícita na definição de Remund (2010). São eles: a) o conhecimento acerca das finanças pessoais; b) a apropriada aplicação desse conhecimento, não apenas conhecendo o assunto, mas também tendo a capacidade de transformá-lo em ações para administrar suas finanças apropriadamente; e c) reconhecer as influências temporais e circunstanciais presentes no processo de tomada de decisões financeiras, que leva em consideração as consequências imediatas e futuras.

Em seu estudo sobre educação financeira de estudantes universitários, Gilligan (2012) ressalta que, além da pouca experiência, os custos da educação e a pouca perspectiva de trabalho trazem grandes dificuldades para que os jovens administrem suas finanças.

A autora se apoiou em teorias pertencentes aos campos da sociologia e psicologia para estruturar sua investigação no campo da educação financeira. Essas teorias abordadas por Gilligan (2012) foram: a) teoria do capital social, que se refere às fontes de conhecimento sobre educação financeira pessoal, em que se consideram as influências sofridas ao longo da vida, sejam familiares, escolares ou qualquer conhecimento adquirido; b) teoria da autoeficácia percebida, segundo a qual o indivíduo toma suas decisões considerando a correta aplicação dos conhecimentos adquiridos; e, por fim, c) teoria da consideração de consequências futuras, que visa

examinar a capacidade do indivíduo em perceber as nuances econômicas atuais e suas influências nas decisões financeiras de curto, médio e longo prazos.

A autora ainda considera a questão do estresse financeiro em seu estudo, desejando perceber um viés psicológico dos sujeitos de análise, levando em consideração a relação íntima da educação financeira com a sensação da tensão financeira.

Na busca de uma melhor compreensão sobre o modelo teórico utilizado como base metodológica desta pesquisa, serão apresentadas, a seguir, as teorias que compõem o modelo proposto por Gilligan (2012): Teoria do Capital Social; Teoria da Autoeficácia Percebida; Teoria de Consideração de Consequências Futuras; e Estresse Financeiro.

2.2.1 Teoria do Capital Social

Para Portes (2000, 2010), “capital social” é um termo definido como a capacidade de auferir recursos em consequência da participação de estruturas e redes sociais amplas, e tal conceito foi uma das maiores contribuições da sociologia para as demais ciências.

O conceito definido por Portes (2010) tem como base aqueles desenvolvidos por Bourdieu (1980) e por Coleman (1993), ambos os sociólogos evidenciam os benefícios, para os indivíduos e seus familiares, que surgem de seus laços comuns. Coleman (1993) enfatiza também a importância do aspecto relacionado ao controle social, o qual é exercido pelas instituições, preceituando que tanto a estrutura quanto as rotinas da instituição podem reduzir a capacidade de analisar e criticar determinado assunto, formulando sua própria opinião.

Para Portes (2000), ao incorporar os elementos presentes nas redes sociais somados ao controle social, é desenvolvido um conceito de capital social que aborda uma construção específica da sociologia econômica. Tal definição é a mais adequada na aplicação da educação financeira (GILLIGAN, 2012).

Dessa forma, Gilligan (2012, p.9) destaca a importância do capital social para o estudo da educação financeira:

O capital social como componente de compreensão da educação financeira dos estudantes universitários permite o reconhecimento da influência da família e das redes no conhecimento financeiro. Ele também serve como um guia para considerar as influências sociais e culturais da sociedade, em que a informação sobre a gestão financeira está disponível para alguns grupos de estudantes, mas há exclusão de outros com base na raça, sexo ou *status* socioeconômico.

Para Gilligan (2012), o capital social é tratado na teoria como o conhecimento adquirido através da influência sociocultural e familiar. Assim, é necessário adotar um olhar do capital social, para observar quais grupos recebem ou não informações importantes na sua formação financeira em consequência de terem um maior acesso, ou não, a redes sociais mais desenvolvidas financeiramente.

Ainda para a autora, o conhecimento financeiro dos alunos é influenciado por diversos fatores, como o nível de educação dos pais, o nível socioeconômico, o gênero e a raça (GILLIGAN, 2012).

Desse modo, para considerar a influência do capital social em seu modelo, Gilligan (2012) utilizou diversas variáveis demográficas como indicadores do estudo: raça, educação dos pais, *status* socioeconômico, nível acadêmico do indivíduo. Assim sendo, nesta pesquisa, o capital social será considerado um importante componente para a formação da educação financeira, tendo como indicadores: o gênero, a faixa etária, o nível de escolaridade do indivíduo, a renda familiar, a renda pessoal, a classe social.

2.2.2 Teoria da Autoeficácia Percebida

Há uma constante discussão sobre os programas de educação financeira que têm como foco os consumidores preocupados, em geral, com o aprimoramento de seus conhecimentos financeiros, sem levar em consideração as mudanças comportamentais dos consumidores. Porém, para que seja considerado eficiente tal programa de educação financeira deve fazer com que o consumidor aplique efetivamente esses conhecimentos em sua vida real (GILLIGAN, 2012).

No entanto, para que se possa considerar a questão comportamental do indivíduo, Gilligan (2012) faz uso do Modelo Transteórico de Mudança de Comportamento (*Transtheoretical Model of Behavior Change*), criado por Prochaska e DiClemente (1983), que é utilizado para descrever o uso de conhecimentos a fim de modificar práticas de gestão financeira. Esse modelo muda o foco da simples divulgação de informações sobre administração financeira pessoal para um foco voltado à ação, mudança comportamental e autoeficácia.

Tal modelo biopsicossocial foi elaborado para definir conceitos de mudança intencional de comportamento. Ele inclui e integra as construções de diversas teorias, de modo a agregar na formulação de uma teoria de mudança, e pode ser aplicados em diversas configurações, comportamentos e populações, por isso é chamado de transteórico. Independentemente de sua elaboração privilegiar o estudo da mudança de comportamento, hábitos de saúde (problemas com peso, cigarro, álcool, etc.), tal modelo é bem-vindo na mensuração do processo comportamental e outras áreas, sendo aplicado em diversos países do mundo (XIAO *et al.*, 2004).

Xiao *et al.* (2004) implicam que o Modelo Transteórico possui cinco etapas quando aplicado no processo de mudança e aprendizado do comportamento financeiro: pré-contemplação, contemplação, preparação, ação e manutenção.

Gilligan (2012) demonstra que a autoeficácia percebida pode ser identificada como um item muito importante nos estágios de pré-contemplação e de contemplação do Modelo Transteórico, uma vez que a maior parte dos estudantes está presente em um desses dois estágios, nos quais iniciam suas primeiras decisões financeiras pessoais e sentem também as consequências destas.

Donadio (2014, p.48) corrobora dizendo:

Avaliar a autoeficácia de um estudante universitário em relação à gestão financeira pessoal pode, então, prover uma importante visão sobre as dúvidas existentes ou, no outro extremo, a confiança existente, sobre a sua capacidade de colocar em prática o comportamento financeiro adequado.

Para tanto, ao se basear nas pesquisas que envolvem o Modelo Transteórico para a validação e avaliação de programas de educação financeira, Gilligan (2012) utiliza a autoeficácia percebida como um dos pilares de seu modelo conceitual.

De acordo com Bandura (1982, p.391):

[...] julgamentos das pessoas de suas capacidades para organizar e executar os cursos de ação necessários para atingir tipos designados de *performances* – não se preocupa com as habilidades que temos, mas com os julgamentos do que se pode fazer com quaisquer habilidades.

Bandura (1982) percebe que diariamente as pessoas tomam suas decisões baseadas em sua capacidade em determinada área, e o fato de o próprio indivíduo se subestimar pode gerar um fracasso referente àquela área em sua vida.

Novamente, Gilligan (2012) ressalta que a definição de autoeficácia é necessária para compreender a habilidade e a confiança pertencente à educação financeira, não bastando apenas ter o conhecimento, mas também aplicá-lo junto às decisões e ações da administração das finanças pessoais. Para a autora, a percepção de um indivíduo sobre suas capacidades, muitas vezes, é estruturada por aspectos como idade, experiência na área, sexo, raça, *status* socioeconômico e nível de educação. Para a aplicação do conhecimento financeiro pessoal de um indivíduo, a confiança não é uma exceção, o que faz do conceito de autoeficácia útil na pesquisa, abordando componentes psicológicos acerca de confiança e capacidade de utilizar o conhecimento financeiro adequadamente em questões de finanças pessoais.

2.2.3 Teoria da Consideração de Consequências Futuras (CCF)

Strathman *et al.* (1994, p.743) definem Considerações de Consequências Futuras (CCF) como “a medida em que as pessoas consideram os possíveis resultados distantes de seus comportamentos atuais e até que ponto eles são influenciados por esses resultados potenciais”.

Gilligan (2012) afirma que a escolha, ou não escolha, de reconhecer ou refletir, a longo ou curto prazo, os benefícios ou consequências de suas ações financeiras se torna relevante para a compreensão dos níveis de educação financeira do indivíduo.

A autora defende que a CCF orientou seu estudo, uma vez que ela reconhece o poder de influência das circunstâncias temporais nas tomadas de decisões financeiras. Tal aspecto é de suma importância para a compreensão da educação financeira do indivíduo, uma vez que este pode estar tomando decisões financeiras independentes pela primeira vez, e obter mais conhecimento sobre a gestão financeira pessoal é um elemento importante para sua pesquisa (GILLIGAN, 2012).

Joireman *et al.* (2005), em suas pesquisas sobre a CCF de estudantes universitários, constataram que quanto mais gastos compulsivos o indivíduo possui, menor é seu grau de CCF, sendo este associado a dívidas com cartões de crédito. Já pessoas com CCF de grau elevado podem ser associadas com a responsabilidade fiscal.

Gilligan (2012) interpreta o grau de CCF do seguinte modo: indivíduos que focam em consequências imediatas de suas decisões financeiras atuais possuem um grau de CCF baixo, já indivíduos com grau de CCF alto são aqueles que se concentram em consequências futuras de suas atuais decisões. De modo mais objetivo, o grau de CCF de cada pessoa reflete como sua tomada de decisão temporal afeta sua vida, podendo medir o quanto se planeja obter de renda futura, desempenhando assim um papel fundamental na decisão de adquirir dívidas ou controlar os próprios gastos.

Em se tratando de tomada de decisão, March e Simon (1972), trazem uma ótica, neste aspecto, em que o homem não é plenamente racional, como aborda a teoria clássica. Os autores apontam aspectos em que o modelo do homem racional apresenta alguns problemas: inicialmente, não há concordância nos casos de incertezas, nem mesmo sob o aspecto da teoria de decisão estatística; em segundo, e não menos importante, considerando que os pressupostos em que: a racionalidade objetiva as alternativas reais, as consequências reais e as utilidades reais estão presentes, sejam verdadeiros, não há formas de considerar as escolhas em casos de riscos e incertezas como racionais. Deste modo o homem possui uma

racionalidade intencional e limitada, onde o homem tem a sua disposição um número limitado de alternativas e consequências às quais ele utiliza para tomar suas decisões de modo satisfatório.

Para Keynes (1985) as tomadas de decisões da atividade econômica dependem das expectativas de curto prazo, que estão relacionadas às decisões correntes, do dia a dia; e as expectativas de longo prazo, que são consultadas afim de determinar níveis para investimentos. Em um contexto individual, as expectativas de curto prazo, são vistas como um processo de decisão contínuo, que acontece em um ambiente imediatista, e as expectativas de longo prazo estão relacionada a uma decisão de investimento, em que há uma escolha em um histórico particular, e não é submetido a alterações repetidas de um ambiente instável (GERRARD, 1995).

Para esta pesquisa, esta teoria será abordada como Expectativa de Futuro, onde o indivíduo atribui a suas decisões as expectativas de curto prazo, ligadas à preocupação com o presente e as expectativas de longo prazo, ligadas às preocupações com o futuro.

2.2.4 Estresse Financeiro

Para Gilligan (2012), há diferentes definições sobre estresse financeiro na literatura, e terminologias diferentes também são utilizadas, como: tensão financeira ou econômica, bem-estar financeiro pessoal ou estresse da dívida (PRAWITZ *et al.*, 2006). A maior parte dessas terminologias traz uma sensação de bem-estar financeiro decorrente dos recursos financeiros de que o indivíduo dispõe (KIM; GARMAN, 2003).

Ainda para a autora, o estresse e a ansiedade representam consequências de uma má administração financeira pessoal, e os estudantes universitários (objetos de sua pesquisa) estão sujeitos a experimentar tal estresse pela primeira vez. Tal estresse pode ser indicativo de uma baixa educação financeira somada a outras condições, como uma situação econômica difícil.

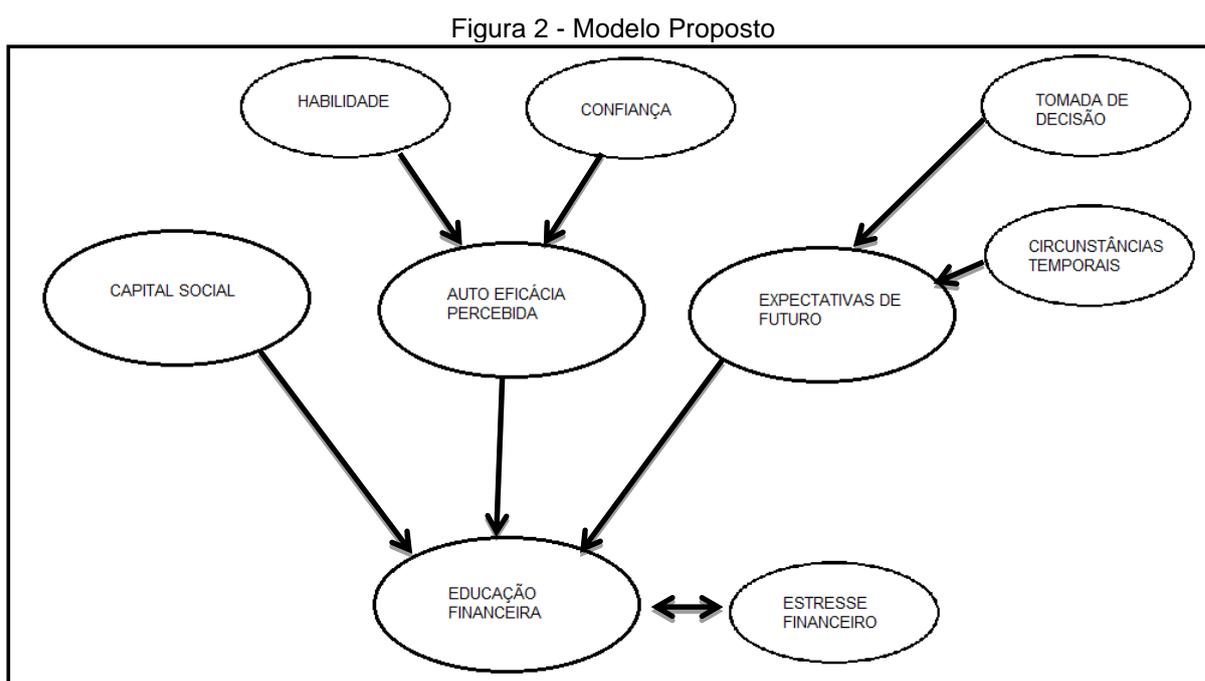
Gilligan (2012, p. 37) observa que:

[...] o estresse pode não estar necessariamente ligado ao nível de renda, mas pode ser um indicador da incapacidade do indivíduo arcar com as responsabilidades financeiras. É uma avaliação subjetiva das finanças pessoais e inclui satisfação com a renda, poupança, investimentos e dívidas. O julgamento de um indivíduo acerca da adequação de sua condição financeira proporciona uma compreensão mais rica sobre a mesma, pois abrange os efeitos complexos que a gestão financeira pessoal pode ter em outras áreas da vida. A interação do estresse financeiro e da educação financeira dos estudantes universitários é importante de ser avaliada, pois ela pode sugerir que a falta de conhecimento financeiro impacta os níveis de estresse financeiro.

A autora ressalta ainda que os programas de educação financeira atuais desconsideram os aspectos psicológicos envolvidos nas decisões financeiras. Ela percebe que tais programas devem abordar como a sociedade e as características de cada indivíduo conduzem a forma como eles gerenciam suas finanças.

Tendo como base os estudos feitos por Gilligan (2012) e Donadio (2014), o estresse financeiro é definido como qualquer dificuldade percebida devido a emergências financeiras imprevistas ou recursos financeiros inadequados.

Na FIG. 2, é apresentado o modelo proposto por esta pesquisa, adaptado de Gilligan (2012).



Fonte: Adaptado de Gilligan (2012, p.8, tradução nossa)

Nesse modelo, adaptado para a pesquisa, trata-se da educação financeira gerada através das relações existentes nos constructos: a) Capital social, no qual é refletido todo o conhecimento financeiro adquirido na vida do indivíduo e em suas relações pessoais; b) Autoeficácia Percebida, gerada pela percepção que o indivíduo tem de sua habilidade e confiança em aplicar os conhecimentos que possui; c) Considerações de Consequências Futuras, aqui denominadas como Expectativas de Futuro, em que o indivíduo planeja suas tomadas de decisões considerando as expectativas temporais de curto e longo prazo; d) por fim, considera-se o estresse financeiro, construto independente que avalia como a situação emocional reflete na educação financeira do indivíduo, e vice-versa (GILLIGAN, 2012).

2.3 Estudos anteriores sobre educação financeira

Foi feita uma pesquisa nas principais bases de dados do Brasil – Anpad, Google Acadêmico, Periódicos Capes, Scielo e Spell. Tal pesquisa foi delimitada sob o tema educação financeira, no período de 2012 a 2017, tendo como resultado 17 artigos publicados por revistas classificadas de B4 até A1, de acordo com o conceitos Qualis Capes.

Destes, foram identificados quatro artigos que discutiam e abordavam uma análise fundamentalmente teórica sobre o tema educação financeira.

Augustinis, Costa e Barros (2012) se propuseram em seu artigo analisar os discursos acerca da educação financeira feitos por órgãos como o governo brasileiro, a empresa Mastercard e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os autores agruparam os dados coletados nos discursos em três categorias: alinhando discursos; princípios de educação financeira; e práticas de educação financeira. Como resultado, os autores perceberam convergências significativas nos discursos, como, por exemplo, a padronização dos princípios, temas e práticas de educação financeira. Nessa convergência, os autores inferiram que a lógica liberal e do livre mercado são elementos comuns a respeito da educação financeira abordada pelas instituições pesquisadas.

O artigo escrito por Oliveri (2013) tinha como objetivo refletir sobre as contribuições teóricas no segmento da educação financeira, trazendo uma discussão de conceitos de educação e finanças, e como eles são empregados nas escolas nos dias atuais. O artigo foi uma construção teórica que demonstra a educação financeira como um processo constante de aprendizagem a qual desenvolve no ser humano a capacidade de tomar decisões sobre muitos aspectos da sua vida, em especial, na gestão do dinheiro. Demonstrou também que tal processo surge da vivência e experiência, e que este deve se iniciar desde a infância do indivíduo.

Soares e Rosa (2015) estudaram o crescimento do modelo conceitual de adoção de tecnologia *mobile banking*, considerando também a educação financeira e as teorias gerenciais. Nesse trabalho, com a base do modelo conceitual, foi observado que a contribuição teórica de maior valor foi a criação do seu arcabouço conceitual para mostrar o nível de importância das relações entre as variáveis latentes que explicam a adoção do *mobile banking*.

Birochi e Pozzebon (2016) propunham a realização de um quadro teórico para a educação financeira orientada a microempreendedores de baixa renda. Como resultado, observou que vinculando as tecnologias de informação com a educação financeira, reduziram-se os efeitos provocados por mecanismos geradores de tensões globais-locais, porém podem ampliar a inclusão financeira e a emancipação social.

Kühl, Valer e Gusmão (2016) avaliaram a percepção dos colaboradores de uma cooperativa de crédito quanto à importância da alfabetização financeira dos seus cooperados, baseando-se nas normas de boas práticas da educação financeira existentes na OCDE e no BACEN. Como resultado, percebeu-se que, na visão dos cooperados, a construção do conhecimento financeiro é uma questão relevante para a instituição, seguida da visibilidade externa. Nesse estudo, a principal contribuição foi a evidência empírica sobre a aplicabilidade da alfabetização financeira partindo dos princípios e recomendações sobre as boas práticas da educação financeira.

Dois dos artigos encontrados esboçavam relatos sobre a educação financeira de professores, discutindo tanto suas ações de finanças pessoais quanto a sua moral financeira.

Moreira e Carvalho (2013) buscaram conhecer o perfil das finanças pessoais de professores de uma rede municipal de ensino. Seus resultados apontaram que os professores estavam tendo um crescente descontrole nas finanças pessoais, o que gerava um aumento no endividamento.

Lucei e Bates (2014) buscaram medir, em seu artigo, os níveis de moral financeira de professores de finanças de uma IES nos Estados Unidos. No estudo, foram encontrados maiores itens em relação a responsabilidades comerciais e um menor acordo relacionado à distribuição de riquezas, demonstrando ainda uma diferença significativa entre a interpretação dos itens referentes a educação e finanças em comparação aos itens referentes a responsabilidade empresarial e distribuição de riquezas.

Ao relacionar o tema educação financeira com o nível de endividamento e a propensão ao risco, obtiveram-se os resultados explicitados a seguir.

Em seu estudo, Flores, Vieira e Coronel (2013) objetivaram analisar a influência dos fatores comportamentais na propensão ao endividamento de servidores públicos de uma IES federal. Como resultado, os autores perceberam que, dentro dos fatores estudados, quanto maior o grau de educação financeira e a percepção de risco, menor a propensão ao endividamento. E, de maneira geral, os servidores apresentam um estilo conservador perante o risco financeiro, além de baixos níveis de endividamento.

Os estudos de Candido e Fernandes (2014) objetivaram entender os principais motivos que levam os estudantes de pós-graduação a contrair dívidas, a fim de identificar se o período gerencial com maior eficiência para obter boa educação financeira acontece durante a formação da infância e da adolescência. Como resultado, evidenciou-se que os estudantes de pós-graduação consideram que uma

educação financeira de qualidade durante a infância e a adolescência pode ser a principal influência para o não endividamento na vida adulta.

Piccoli e Silva (2015) objetivaram identificar o nível de educação em gestão financeira dos funcionários de uma instituição de ensino do Meio-Oeste de Santa Catarina. A investigação permitiu mensurar um certo nível de educação financeira referente a taxas de liquidez e efeito dos juros. A amostra demonstrou algum tipo de planejamento e/ou controle financeiro que eram responsáveis pelo baixo nível de endividamento e uma melhor administração dos recursos.

O estudo de Silva, Silva Neto e Araújo (2017) relacionou a educação financeira com os hábitos de consumo, investimento e percepção de risco de servidores públicos. Os resultados alcançados demonstram um nível baixo de educação financeira, cuja falta de planejamento é uma das principais causas das dívidas, uma vez que o pagamento das contas acaba se atrasando. Foi evidenciado também um perfil conservador em relação às decisões financeiras, o que faz dos servidores entrevistados menos propensos ao risco.

Costa e Miranda (2013) buscaram investigar se a educação financeira influencia a taxa de poupança escolhida pelas pessoas. A amostra foi de 345 indivíduos que responderam um questionário sobre suas características pessoais (sexo, cor, idade, renda e escolaridade) e depois responderam perguntas que buscavam medir seu nível de conhecimento financeiro. Nos resultados, os autores demonstraram que o tempo de estudo não influenciava a taxa de poupança, porém o nível de educação financeira influenciava diretamente as decisões de quanto poupar.

Na pesquisa de Potrich *et al.* (2015), os autores tinham como objetivo identificar o nível de educação financeira dos habitantes do Rio Grande do Sul e identificar a existência de variações na educação segundo as variações socioeconômicas e demográficas. Como principais resultados, constataram que os maiores níveis de educação financeira eram entre homens, solteiros, estudantes, sem dependentes, os quais possuíam um maior nível de escolaridade, tanto seus quanto dos seus pais, além de uma maior renda familiar e individual.

Por fim, dentre os artigos encontrados nas bases pesquisadas, apenas quatro têm como objeto de pesquisa os discentes, seja da educação básica, ensino superior ou educação de jovens e adultos.

Medeiros e Lopes (2014), em seus estudos, buscaram verificar o comportamento dos alunos de Ciências Contábeis de uma IES privada no que diz respeito às suas finanças pessoais. Nos resultados, foi apontado que a maioria dos alunos pesquisados tem consciência dos seus rendimentos, bem como sabe lidar com suas finanças pessoais. Foi evidenciado também que eles têm preferência por pagar suas compras à vista, utilizando o dinheiro como forma de pagamento.

Conto *et al.* (2015) tinham como objetivo de pesquisa conhecer o comportamento financeiro de estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas do Vale do Taquaril - RS. Como resultado, constatou que menos da metade dos alunos pesquisados faz qualquer tipo de planejamento financeiro; um terço dos alunos poupa dinheiro; e apenas um quarto dos alunos realiza controle de suas finanças pessoais.

A pesquisa de Pereira e Zdanowicz (2015) teve como tema a educação financeira de jovens do ensino médio e possuía como objetivo analisar as atitudes desses jovens em relação ao uso do dinheiro. Como resultado, constatou-se que 67% dos jovens já participam do mercado de trabalho e, por esse motivo, têm uma noção do uso do dinheiro. Também 79% dos entrevistados demonstraram fazer um planejamento financeiro pessoal. Por outro lado, 7% acham desnecessário, e os demais, 14%, disseram não saber fazer. Constatou-se também que os jovens possuem atitudes de poupar e se preocupam em sanar suas dívidas em dia, analisando as formas de pagamento e fazendo um planejamento financeiro, mesmo que de forma simples.

Ribeiro *et al.* (2015) buscaram apresentar a alunos da educação de jovens e adultos metodologias pertinentes à utilização e aplicação dos seus recursos financeiros. Foi feita uma análise baseada em uma aula voltada ao tema educação financeira para alunos da EJA. No decorrer da aula, foi entregue um questionário para avaliar como se davam os gastos mensais dos alunos. Em uma análise dos questionários, evidenciou-se que a maior parte dos entrevistados faz um básico planejamento

financeiro, controlando seus gastos, fazendo pesquisas antes das compras e reservando o dinheiro para as despesas fixas e aquelas imprevistas.

De mesmo modo uma busca nos periódicos mais qualificados e de abrangência mundial, teve como resultado, no período de 2012 à 2017 mais de 100 artigos com classificações qualis capes A1 e A2, dos quais apresentamos alguns trabalhos.

Bendavid-Hadar e Hadad (2013) trouxe um foco sobre a educação financeira das crianças, onde a educação é um fator chave para alcançar o desenvolvimento econômico e a igualdade socioeconômica. A pesquisa foi feita com estudantes israelenses de segunda e terceira séries, matriculados em três escolas situadas de forma diferente (em termos de nível de religiosidade e Status socioeconômico [SES]), as quais preencheram um questionário de múltipla escolha construído especialmente para este estudo. Os resultados revelaram um nível geral baixo de alfabetização financeira entre crianças israelenses, onde estudantes religiosos apresentaram nível de educação financeira mais elevado em comparação com os alunos seculares, e os estudantes de SES elevado apresentaram maior nível de alfabetização financeira em comparação com estudantes com baixo SES. Os autores determinaram que os conhecimentos adquiridos contribuirão para o desenvolvimento de uma educação financeira mais eficaz para as crianças, melhorando assim suas chances de sucesso no futuro.

Hospido; Villanueva e Zamarro (2015) estimaram o impacto em medidas objetivas de alfabetização financeira de um programa de educação financeira de 10 horas entre estudantes de 15 anos de idade no ensino secundário obrigatório. A amostra foi composta por estudantes e professores de Madri, que foram avaliados de modo a comparar o desempenho em um teste de conhecimento financeiro em escolas de tratamento e controle, e posteriormente foram avaliados para medir o efeito do curso sobre a mudança na pontuação em testes de conhecimento financeiro. Percebeu-se que o programa aumentou o conhecimento financeiro dos estudantes, destacando efeitos heterogêneos, já que os alunos das escolas privadas não aumentaram muito o conhecimento, possivelmente devido a uma implementação menos intensiva do programa.

RASOAIISI *et al* (2015), estudaram a alfabetização financeira de estudantes da Universidade Nacional de Lesotho (NUL), em seus resultados verificaram que o gênero é importante para determinar o nível de alfabetização financeira entre os estudantes da NUL. Em consonância com a literatura, os resultados indicam que os estudantes do sexo masculino possuem um conhecimento financeiro maior que suas contra parte femininas. Isso pode ser devido ao fato de que os homens, em média, são aqueles com menos medo de se comprometer com empréstimos, adquirindo conhecimento financeiro no processo. Foi constatado também que lugar onde moram e a idade demonstraram ter pouco ou nenhum impacto no nível de conhecimento financeiro dos estudantes. Os autores sugerem em seu estudo que o ministério da educação introduza a educação financeira no currículo de todos os níveis educacionais, favorecendo assim alfabetização financeira dos estudantes em Lesotho, que também levaria a uma nação financeiramente alfabetizada em longo prazo, uma condição que Poderia estimular o clima financeiro produtivo em um nível macro.

Para Loke (2015), a educação financeira é uma estratégia de intervenção chave para melhorar o conhecimento financeiro dos consumidores, mas fatores exógenos, como diferenças culturais e fatores socioeconômicos também podem afetar os níveis de conhecimento financeiro. Em seus estudos a autora estudou adultos que trabalham na Malásia, e constatou que o analfabetismo financeiro atravessa gênero e idade, mas a educação, a etnia, o tipo de profissão e a disponibilidade de pensão do governo têm efeitos significativos sobre os níveis de conhecimento financeiro. Além disso, planejamento, investimentos e preparação para emergências financeiras, é significativamente afetada por níveis de conhecimento financeiro, ao contrario de estar em dificuldades financeiras, que não é afetada pelo conhecimento financeiro.

Stolper e Walter (2017), em sua pesquisa, analisaram a literatura a respeito de como mensurar e determinar a alfabetização financeira, e em sua pesquisa foi identificado que em uma pesquisa de grande escala administrada pelo Deutsche Bundesbank e de grande representatividade a respeito da situação financeira das famílias na Alemanha, haviam baixos níveis de educação financeira, além de uma heterogeneidade na educação financeira em toda a população. Isso sugere que os

grupos economicamente vulneráveis são colocados em desvantagem adicional pela falta de conhecimento financeiro.

3 METODOLOGIA

Esta seção busca demonstrar os métodos utilizados para a obtenção e tratamento dos dados deste estudo, tendo em vista que esta pesquisa se objetiva em descrever e analisar os componentes do modelo conceitual apresentado por Gilligan (2012), que refletem na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte. Sendo assim, nas sessões subsequentes serão apresentados os aspectos metodológicos utilizados na pesquisa.

3.1 Tipo, abordagem e método

Esta pesquisa se trata de um estudo empírico do tipo descritivo, o qual segundo Collis e Hussey (2005), tem como objetivo descrever as características de um fenômeno ou população. Para tanto, esta pesquisa examina e descreve se as variáveis latentes são relacionadas com a variável dependente.

O presente estudo possui uma abordagem quantitativa, que segundo Richardson (2004) tal abordagem parte de amostras que são aplicadas à luz de análises estatísticas, onde se quantificam os dados a procura de uma diferença conclusiva. Para esta pesquisa, espera-se analisar os dados provenientes de um questionário baseado nas dimensões apresentadas no modelo proposto por Gilligan (2012).

Em relação ao método de pesquisa, este estudo é definido por Collis e Hussey (2005) como uma *Survey*, a qual é uma metodologia do ponto de vista quantitativo, onde se retira de uma determinada população uma amostra representativa e que após as análises pode – se fazer inferências sobre aquela população. Esta *survey* é caracterizada como uma *survey* analítica, que segundo Collis e Hussey (2005) possui como intenção verificar a existência de uma relação entre os diferentes tipos de variáveis da pesquisa, sendo necessário ter o conhecimento teórico para identificar as variáveis independentes, dependentes e estranhas.

3.2 Hipóteses de Pesquisa

As seguintes hipóteses foram traçadas, com base na literatura estudada:

Quadro 1 - Hipóteses de Pesquisa

N	Hipóteses	Teorias influenciadas
H1	O capital social influencia na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte;	Teoria do Capital Social (PORTES, 2000);
H2	A auto eficácia percebida sobre suas finanças pessoais influencia na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte;	Teoria da Auto eficácia Percebida (BANDURA, 1982; GILLIGAN, 2012);
H3	As expectativas futuras influenciam na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte;	Teoria da Expectativa de Futuro (STRATHMAN <i>et al.</i> , 1994; GILLIGAN, 2012);
H4	Há uma inter-relação entre o estresse financeiro e a educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte;	Teoria do estresse Financeiro (GILLIGAN, 2012);

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado na revisão literatura (2017).

A seguir serão apresentadas as população e amostra, bem como a técnica para coleta dos dados e como se pretende tratar os dados coletados.

3.3 População e amostra

O objeto de análise e observação do presente estudo foram estudantes, que moram na região de Belo Horizonte.

A composição amostral da pesquisa foi feita de duas formas: a primeira foi uma amostragem natural, que segundo Collis e Hussey (2005) é onde o pesquisador tem pouca influência na composição da amostra. Tal coleta de dados foi feita no período de junho e julho de 2017, através de um questionário disponibilizado na plataforma *online* Formulários Google, obtendo uma amostra de 241 respondentes.

A segunda forma do método amostral foi feita uma amostra por conveniência, que teve como foco os estudantes do terceiro ano de ensino médio e estudantes do terceiro ano da EJA ensino médio. Para tanto, foram escolhidas três escolas estaduais da Regional Barreiro que possuem em seu quadro de alunos turmas dos anos finais do ensino médio normal e EJA. A aplicação dos questionários foi feita nas semanas iniciais do mês de agosto de 2017, e todos os alunos presente em sala preencheram os questionários, tendo uma amostra de 353 questionários válidos em uma população de 425 estudantes, tanto do ensino médio normal, quando do ensino médio da EJA. A não totalidade da amostra se deu devido a existência de questionários com grande número de respostas incompletas e por alguns estudantes terem faltado às aulas no período da aplicação do questionário.

Sendo assim, a amostra total para a pesquisa é de 594 estudantes.

3.4 Técnica de Coleta de Dados

O instrumento de coleta de dados, questionário estruturado, foi criado com o objetivo de caracterizar os entrevistados além de responder ao objetivo principal da pesquisa. Os dados para a pesquisa foram coletados segundo método *survey* por meio de entrevistas individuais (Freitas et. al, 2000), disposto no Apêndice A, o qual foi enviado para os respondentes por meio de e-mails, serviços *online* e aplicado em sala de aula em 03 escolas estaduais da Regional Barreiro. A técnica *survey* possui como vantagens a facilidade de acesso a respondentes normalmente inacessíveis, possui baixo custo, maior caráter de anonimato (COOPER e SCHINDLER, 2003).

O QUAD. 2, a seguir, demonstra como o questionário está relacionado com cada um dos constructos da pesquisa.

Quadro 2 - Estrutura do Questionário

Constructo	Tipo de resposta	Itens	Indicadores
Socioeconômico	Múltipla escolha	10	Renda Pessoal; Sexo; etc.
Conhecimento Adquirido	Escala Likert	15	Eu faço/fiz compras com o cartão de crédito:
Auto eficácia Percebida	Escala Likert	07	Graças à minha desenvoltura, sei como lidar com situações financeiras imprevistas.
Expectativas de Futuro	Escala Likert	10	Eu me comporto levando em conta apenas os resultados imediatos das minhas ações (dias ou semanas).
Estresse Financeiro	Escala Likert	12	Pagar as contas em atraso me deixa estressado.
Educação Financeira	Múltipla escolha	16	Se a taxa de juros cai, o preço dos títulos pré-fixados:

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado na revisão literatura (2017).

Antes de chegar a tal questionário foi feito testes do Alfa de *Crombrach* do questionário original do modelo de Gilligan (2012) adaptado por Donadio (2014), com uma amostra de 30 alunos, cursando o 3º ano do ensino médio, com a finalidade de determinar a significância das respostas, e adaptar as questões para a realidade vivenciada por estudantes brasileiros.

3.4.1 Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento de coleta de dados é constituído por blocos de respostas, e foi adaptado com base nos trabalhos realizados por Gilligan (2012) e Donadio (2014).

3.4.1.1 Características Socioeconômicas

O primeiro bloco de perguntas do instrumento de coleta de dados buscou evidenciar as características socioeconômicas da amostra, questões A1 até A10, auferindo as variáveis referentes ao gênero, faixa etária, estado civil, condição de moradia, escolaridade, instituição de ensino, característica do trabalho atual, onde trabalha e renda pessoal, renda familiar.

3.4.1.2 Escala de expectativas de futuro

Tal escala foi adicionada ao instrumento, pois visa identificar o grau de conhecimento adquirido dos estudantes, em relação ao uso, conhecimento e aplicação de alguns conceitos financeiros, expectativa e busca em adquirir mais conhecimento sobre finanças pessoais. As questões desta escala são identificadas de B1 até 15 e são demonstradas no QUAD. 3.

Quadro 3 - Questões sobre Conhecimento Adquirido

Nº	INDICADOR	Constructo
B1	Meu conhecimento sobre a poupança é:	Conhecimento
B2	Eu uso/usei a caderneta de poupança:	Uso
B3	Para mim as aplicações em caderneta de poupança rendem:	Expectativa
B4	Para mim as aplicações em caderneta de poupança rendem:	Expectativa
B5	Meu nível de conhecimento sobre aplicações no mercado financeiro (CDBs, Fundos DI, etc) é:	Conhecimento
B6	Eu aplico/apliquei meu dinheiro em aplicações no mercado financeiro (CDBs, Fundos DI, etc):	Uso
B7	Meu conhecimento sobre aplicações em bolsa de valores é:	Conhecimento
B8	Eu uso/usei uma aplicação na bolsa de valores:	Uso
B9	Para mim as aplicações na bolsa de valores, rendem:	Expectativa
B10	Meu conhecimento sobre as taxas e formas de uso do cartão de crédito é:	Conhecimento
B11	Eu faço/fiz compras com o cartão de crédito:	Uso
B12	Quando uso o cartão de crédito, minha expectativa de gastar menos, é:	Uso
B13	O conhecimento que possuo sobre finanças pessoais é:	Conhecimento
B14	O nível de influencia do conhecimento financeiro dos meus pais sobre a gestão das minhas finanças pessoais é:	Conhecimento
B15	Meu interesse em buscar conhecer mais sobre finanças pessoais é:	Conhecimento

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado na revisão literatura (2017).

As variáveis referentes as características Socioeconômicas e ao Conhecimento Adquirido, foram utilizadas para avaliar o capital social do estudante.

3.4.1.3 Escala de Auto Eficácia Percebida

O terceiro conjunto de questões do instrumento de coleta de dados, vão dos itens C1 a C7 os quais destinam medir a Auto Eficácia dos estudantes na aplicação de seus conhecimentos financeiros e gestão financeira pessoal. Os itens podem ser visualizados no QUAD. 4.

Quadro 4 - Questões sobre Auto Eficácia Percebida

Nº	INDICADOR	Constructo
C1	Sempre consigo dar um jeito de resolver problemas financeiros difíceis, se eu fizer o esforço necessário.	Habilidade
C2	É fácil persistir em meus objetivos e realizá-los, independentemente da minha situação financeira.	Habilidade
C3	Tenho confiança de que, se necessário, eu poderia lidar de forma satisfatória com eventos financeiros inesperados.	Confiança
C4	Graças à minha desenvoltura, sei como lidar com situações financeiras imprevistas.	Habilidade
C5	Eu consigo me manter calmo quando enfrento dificuldades financeiras, porque posso confiar nas minhas habilidades para lidar com elas.	Confiança
C6	Eu consigo me manter calmo quando enfrento dificuldades financeiras, porque posso confiar em outras pessoas para me ajudar (pais, familiares e amigos).	Confiança
C7	Quando me confronto com problemas financeiros, em geral, consigo encontrar várias soluções para resolvê-los.	Habilidade

Fonte: Adaptado de Gilligan (2012).

3.4.1.4 Escala sobre Expectativas de Futuro

O quarto conjunto de questões, itens D1 a D10, busca acessar o comportamento as e expectativas que os estudantes tem no planejamento financeiro presente e futuro. tais questões se encontram no QUAD. 5 a seguir.

Quadro 5 - Questões sobre Expectativas de Futuro

Nº	INDICADOR	Constructo
D1	Eu planejo como as coisas deveriam ser no futuro e tento influenciá-las com meu comportamento do dia-a-dia.	preocupação com eventos futuros
D2	Frequentemente, eu me dedico a um comportamento em particular, com a intenção de conseguir resultados que podem acontecer apenas daqui a vários anos.	preocupação com eventos futuros
D3	Eu apenas me dedico a resolver minhas preocupações imediatas, imaginando que o futuro tomará conta de si mesmo.	preocupado com seu bem estar presente
D4	Eu me comporto levando em conta apenas os resultados imediatos das minhas ações (dias ou semanas).	preocupado com seu bem estar presente

D5	Minha conveniência é um fator considerável, tanto nas minhas decisões como nas minhas ações.	preocupado com seu bem estar presente
D6	Estou disposto a sacrificar minha felicidade ou bem-estar imediatos para alcançar determinados resultados futuros.	preocupação com eventos futuros
D7	Acredito que alertas sobre potenciais resultados negativos devem ser levados a sério, mesmo se este potencial resultado negativo possa ocorrer apenas daqui a muitos anos.	preocupação com eventos futuros
D8	Geralmente, eu ignoro os alertas sobre possíveis problemas futuros, porque acredito que os problemas se resolverão antes que possam se tornar motivo de estresse excessivo.	preocupado com seu bem estar presente
D9	Acredito que é desnecessário sacrificar-se agora, uma vez que se pode lidar com resultados futuros num momento posterior.	preocupado com seu bem estar presente
D10	Eu apenas tomo ação para satisfazer minhas preocupações imediatas, imaginando que tomarei conta de problemas futuros em datas posteriores.	preocupado com seu bem estar presente

Fonte: Adaptado de Gilligan (2012).

Nos itens D1, D2, D6 e D7, ao marcarem a resposta '10' ou, 'Concordo Totalmente', o respondente demonstra que possui uma maior preocupação com eventos futuros, estando assim disposto a elevar seu bem estar futuro em detrimento do bem estar presente. Porém, nos itens D3, D4, D5, D8, D9 e D10, possuem uma interpretação distinta, onde ao marcar a opção '10' ou, 'concordo totalmente', o respondente está mais preocupado com seu bem estar presente, não tendo muita importância com o impacto de suas decisões sob sua vida futura.

3.4.1.5 Escala de Estresse Financeiro

Os itens E1 até E12 representam o conjunto de questões referentes ao estresse financeiro, que buscam avaliar os fatores financeiros que geram estresse nos estudantes, conforme demonstrado no QUAD. 6.

Quadro 6 - Questões sobre Estresse Financeiro

Nº	INDICADOR	Constructo
E1	Pagar as contas em atraso, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E2	Não ter dinheiro para as compras do dia – a – dia, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E3	Viver na expectativa do recebimento do salário para quitar as contas, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E4	Não ter renda fixa, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E5	Quando o dinheiro que ganho, não é suficiente para cobrir as despesas, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E6	Saber que eu ou minha família ganha menos do que a maioria das pessoas que conheço me deixa estressado.	Estresse Financeiro

E7	Ter dívidas de alto valor me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E8	Não ganhar o suficiente para cobrir despesas inesperadas, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E9	Pegar empréstimos com altas taxas de juros, para o pagamento de dívidas, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E10	Ter que realizar despesas com festas e ocasiões especiais, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E11	Precisar pedir dinheiro emprestado de familiares e amigos, me deixa estressado.	Estresse Financeiro
E12	Pagar impostos me deixa estressado.	Estresse Financeiro

Fonte: Adaptado de Gilligan (2012).

3.4.1.6 Teste de conhecimento Financeiro

O último conjunto de questões, o qual inclui itens de F1 a F16, foi direcionado à mensuração do conhecimento financeiro dos respondentes. Neste conjunto houve três subdivisões: as questões F1 a F4 são consideradas questões mais básicas, conforme demonstrado no QUAD. 7; as questões de F5 a F14 são consideradas questões de conhecimento avançado sobre educação financeira, ilustradas no QUAD. 8; e por fim as questões F15 e F16, referem-se ao endividamento, QUAD. 9.

Quadro 7 - Questões Básicas de Educação Financeira

Nº	INDICADOR
F1	Suponha que você tivesse R\$ 100,00 em uma conta de poupança, onde a taxa de juros fosse 2% ao ano. Ao final de 5 anos, quanto você acha que teria nessa conta se tivesse deixado seu dinheiro lá, sem mexer nele?
F2	Imagine que a taxa de juros de sua conta poupança é de 1% ao ano e a inflação de 2% ao ano. Depois de um ano, quanto você seria capaz de comprar com o dinheiro dessa conta?
F3	Se seu amigo herdar R\$ 100.000,00 hoje e o irmão dele herdar R\$ 100.000,00 daqui a 3 anos. Sabendo-se que pessoa que herdou o dinheiro hoje manteve o dinheiro aplicado. Quem é mais rico por causa dessa herança?
F4	Suponha que em 2018, sua renda dobre e que os preços de todos os bens dobrem também. Em 2018, quanto você conseguirá comprar com sua renda?

Fonte: Adaptado de Donadio (2014).

O QUAD. 7 possui questões adaptadas de Donadio (2014), e busca captar o conhecimento sobre juros compostos, conhecimento sobre o efeito da inflação, investigar a percepção dos respondentes sobre o valor do dinheiro no tempo e se eles sofrem efeitos com a ilusão monetário.

Quadro 8 - Questões Avançadas de Educação Financeira

Nº	INDICADOR
F5	Qual afirmação descreve melhor a função principal do mercado de ações?
F6	O que acontece se alguém vender todas as suas ações da empresa A.

F7	Qual afirmação sobre fundos de investimento é correta?
F8	O que acontece se alguém compra ações da empresa B?
F9	Considerando-se um longo período de tempo (por exemplo, 10 ou 20 anos), o ativo normalmente dá o maior retorno é:
F10	Normalmente, qual ativo tem maiores oscilações em seus preços ao longo do tempo?
F11	Quando um investidor distribui seu dinheiro entre diferentes aplicações, em geral, o risco de perder dinheiro:
F12	Se você comprar um título do governo que vence em 10 anos, isso significa que você não pode vendê-lo antes do prazo sem incorrer em penalidades.
F13	Os investimentos em ações são, normalmente, mais arriscados do que em poupança.
F14	Se a taxa de juros cai, o preço dos títulos pré-fixados:

Fonte: Adaptado de Donadio (2014).

As questões de F5 a F14, presentes no QUAD. 8 referem-se ao conhecimento sobre o mercado acionário, fundos de investimentos, títulos e noções básicos de precificação de renda fixa.

Quadro 9 - Questões de Endividamento

Nº	INDICADOR
F15	Suponha que você tem R\$ 1000,00 a pagar em seu cartão crédito, que a taxa de juro anual é de 20%. Se você não pagar nada e não fizer mais despesas no mesmo cartão, a esta taxa, quantos anos irão levar para que esta quantia dobre?
F16	Você compra um aparelho que custa R\$ 1.000. Para pagar por este aparelho, você tem as seguintes opções: a) pagar 12 parcelas mensais de R\$ 100 cada; b) Contrair um empréstimo à taxa de juros anual de 20% e pagar R\$ 1.200 daqui a um ano. Qual é a oferta mais vantajosa?

Fonte: Adaptado de Donadio (2014).

No QUAD. 9, as questões se referem ao endividamento, onde a questão F15 avalia se os respondentes conseguem calcular o tempo gasto para pagar determinada dívida do cartão de crédito, considerando não fazer outras compras; e na questão F16, investiga se as pessoas tem capacidade de comparar corretamente, opções de pagamentos diferentes.

3.5 Tratamento dos Dados

Os dados foram tabulados em planilhas do Excel® (Microsoft), e posteriormente submetidos a técnicas de análise exploratória dos dados, análise de testes não paramétricos, e uma modelagem de equação estrutural. A partir da coleta de dados, foram utilizados os softwares SPSS (Statistical Package for the Social Science) e SmartPLS, para responder aos objetivos da pesquisa, através de análises univariadas e multivariadas.

Para uma validação da pesquisa, foi feito um agrupamento dos dados de acordo com os constructos teóricos: Capital social, Auto Eficácia Percebida, Expectativas de Futuro e Estresse Financeiro. O nível de significância a ser auferido será de 95%.

3.5.1 Técnica de análise exploratória dos dados

A estatística descritiva, ou análise exploratória dos dados tem como objetivo demonstrar resumidamente os dados obtidos de uma amostra de respondentes através de tabelas, quadros, gráficos e outras formas de diagramas, o que permite discernir padrões e relações não aparentes entre os dados. Esta técnica utiliza dois tipos de medidas para descrever estes dados: medida de tendência central e medida de dispersão (COLLIS e HUSSEY, 2005; HAIR JR. *et. al.*, 2010).

Hair Jr. *et. al.* (2010), dizem que a utilização das medidas de tendência centrais são úteis para a condensação de informações existentes em uma distribuição de frequência que é muito detalhada. A média é uma dessas medidas, a qual tem a finalidade de demonstrar a localização central da distribuição, sendo assim ela é também conhecida como medida de localização. A média é uma medida robusta e mais usada, no geral os dados mostram um certo grau de tendência central com respostas mais próximas da média.

Ainda para os autores, a medida de dispersão descreve a variabilidade de uma distribuição, demonstrando assim em que proximidade em relação a medida de tendência central, se encontra os demais valores da distribuição. Nesta pesquisa, a medida de dispersão utilizada é o desvio padrão, que descreve a qual distância média se encontra os valores da média normal, tanto valores acima da média, quanto a baixo (HAIR JR. *et al.*, 2010).

Na análise exploratória foram apresentadas as características da amostra relacionadas ao gênero, faixa etária, estado civil, condição de moradia, escolaridade, instituição de ensino, característica do trabalho atual, onde trabalha e renda pessoal, renda familiar e o nível do conhecimento financeiro. Neste aspecto, foi feita uma análise univariada.

3.5.2 Testes não paramétricos

Os testes não paramétricos podem ser utilizados em dados que não seguem uma distribuição normal, ou seja, quando os dados utilizam uma escala nominal ou ordinal (COLLIS e HUSSEY, 2005; HAIR JR. *et al.*, 2006).

Para a análise de dados bivariados, foi utilizado o teste de comparação de médias independentes, que de acordo com Hair Jr. *et al.* (2010) é quando o pesquisador analisa as informações de uma variável independente em relação à outra variável independente.

Nesta pesquisa foram analisados os indicadores dos constructos: capital social, auto eficácia percebida, expectativas de futuro e estresse financeiro em relação as variáveis: (gênero, faixa etária, estado civil, condição de moradia, escolaridade, instituição de ensino, característica do trabalho atual, onde trabalha e renda pessoal, renda familiar).

3.5.3 Modelagem de equações estruturais

Para avaliar os objetivos da pesquisa foi utilizada a técnica equações estruturais. Através desta técnica, são realizadas análises das múltiplas relações de dependência entre as variáveis latentes bem como as relações entre os construtos e suas variáveis indicadoras (HAIR *et al.*, 2009).

Segundo Hair (2009), uma variável latente é definida como um construto teórico e não observado que, não pode ser medido diretamente, mas pode ser representado ou medido por uma ou mais variáveis, chamadas de indicadoras, neste trabalho a variável latente é a Educação Financeira.

O método PLS (*Partial Least Squares*) foi utilizado para estimar o modelo proposto, tendo em vista que esta técnica é mais robusta e não possui suposições além de não requer normalidade multivariada (HAIR, 2009). O método de reamostragem *Bootstrap* (EFRON, 1979) foi utilizado para determinar a significância das associações.

O Coeficiente de Determinação (R^2) foi utilizado para mensurar a proporção da variabilidade dos constructos explicada pelo modelo, sendo esta uma medida de adequação do modelo estrutural (TENENHAUS et al, 2010). Já para avaliar a adequação do modelo de mensuração, foi utilizada a variabilidade média extraída (AVE) de forma a determinar a variabilidade das variáveis latentes que é explicada pelas variáveis indicadoras (TENENHAUS et al, 2010).

Além destas características, determinou-se a validade convergente, que é o grau em que um conjunto de variáveis indicadoras realmente representa a variável latente teórica que ela foi projetada para medir (Hair, 2009), a validade discriminante, indica o grau em que dois conceitos similares são distintos (HAIR, 2009) e a confiabilidade das escalas de medidas, que é o grau em que uma variável ou conjunto de variáveis é consistente com o que se pretende medir. Através do AVE, avaliou-se a validade convergente, a validade discriminante através das cargas fatoriais do modelo e a confiabilidade composta determinou a confiabilidade (TENENHAUS et al, 2010). Segundo Hair (2009), cargas fatoriais são definidas como a correlação entre as variáveis originais, indicadoras e os fatores, variáveis latentes.

Para avaliação geral do modelo, utilizou-se a proposta de Tenenhuaus, Amato e Vinzi (2004), que indicam um índice de adequação do modelo (*Goodness of Fit, GoF*), construído como a média geométrica entre o R^2 médio, que representa a adequação do modelo estrutural e a AVE média que indica a adequação do modelo de mensuração (TENENHAUS et al, 2010).

Para avaliar se as associações e diferenças estudadas foram significativas foi utilizado 5% como nível de significância. Desta forma, diferenças ou associações com p-valor menor ou igual a 0,05 foram consideradas significativas.

Foram coletados 594 questionários, atendendo às recomendações de Hair Jr. et al. (2005) e Malhotra (2006) de utilizar um mínimo de cinco questionários por indicador analisado, caso proceda com uma análise multivariada, sendo o ideal obter dez questionários. A presente pesquisa teve 44 indicadores em escala *likert*, tendo por tanto, 13.5 questionários por indicador.

Os resultados obtidos na aplicação do modelo estatístico estão descritos e discutidos no capítulo seguinte.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

O presente capítulo descreve os resultados obtidos após a aplicação do instrumento de pesquisa aos estudantes de Belo Horizonte, onde os dados foram analisados por meio de uma análise positivista e por meio da SEM.

4.1 Perfis da amostra

Para a devida caracterização dos sujeitos da pesquisa, foram analisados os dados referentes ao gênero, faixa etária, estado civil, condição de moradia, escolaridade, instituição de ensino, característica do trabalho atual, onde trabalha e renda pessoal, renda familiar.

4.1.1 Gênero

O número de questionários respondidos nesta pesquisa foi de 594 questionários válidos. Deste total, 54,88%, ou 326 sujeitos, pertencem ao sexo feminino e 45,11%, ou 268 sujeitos, são do sexo masculino. Tais dados são demonstrados na TAB. 1 a seguir.

Tabela 1 - Gênero da amostra pesquisada

GÊNERO	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Masculino	268	45,11
Feminino	326	54,88
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

4.1.2 Faixa etária

Os dados referente a faixa etária dos sujeitos, foram agrupados na TAB. 2, demonstrada a seguir.

Tabela 2 - Faixa Etária da amostra pesquisada

FAIXA ETÁRIA	FREQUENCIA	PERCENTUAL
Até 18 anos	225	37,88
de 19 a 22 anos	133	22,39
de 23 a 26 anos	55	9,26
de 27 a 30 anos	56	9,43
mais de 30 anos	125	21,04
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Observando os dados contidos na TAB. 2, percebe que a maioria dos respondentes, 225 pessoas, representando 37,88% está na faixa etária acima de até 18 anos, a segunda maior faixa etária da presente pesquisa, está entre 19 a 22 anos, sendo representada por 133 pessoas (22,39%), 125 pessoas, 21,04%, estão na faixa que acima dos 30 anos, 56 pessoas, 9,43%, tem idade de 27 a 30 anos e 55 pessoas, 9,26%, possuem de 23 a 26 anos.

4.1.3 Estado civil

Conforme pode ser observado na TAB. 3, a maioria dos respondentes é solteira, perfazendo o número de 449 sujeitos, ou 75,59% dos 594 questionários respondidos. O número de respondentes casados é de 96, ou 16,16% da amostra, seguidos de 28 sujeitos, ou 4,71%, que possuem união estável. Aqueles que são divorciados ou separados representam 3,20% da amostra, ou 19 sujeitos, 2 (0,34%) dos respondentes eram viúvos.

Tabela 3 - Estado civil

ESTADO CIVIL	FREQUENCIA	PERCENTUAL
Solteiro (a)	449	75,59
Casado (a)	96	16,16
União estável	28	4,71
Divorciado (a)/Separado (a)	19	3,20
Viúvo (a)	2	0,34
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

4.1.4 Condição de Moradia

Para analisar melhor se o contexto em que vive tem alguma influência na educação financeira dos respondentes, se faz necessário analisar se os sujeitos da pesquisa moram sozinhos, são dependentes de alguém, ou se possuem dependentes. Este critério é demonstrado na TAB. 4, a seguir.

Tabela 4 - Condição de Moradia da amostra pesquisada

CONDIÇÃO DE MORADIA	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Mora com os pais	409	68,86
Mora sozinho	38	6,40
Mora com dependentes (filho, cônjuge, etc.)	147	24,75
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Analisando a TAB. 4, percebe-se que a maioria dos respondentes, ou seja, 409 sujeitos moram com os pais, representando um percentual de 68,86% do total da amostra. 147 sujeitos, 24,75%, moram com seus dependentes, e 38 sujeitos, ou seja 6,40% da amostra, moram sozinhos.

4.1.5 Escolaridade e Instituição de Ensino

Como a presente pesquisa tem como foco os estudantes de Belo Horizonte, é de grande importância mensurar qual o nível de escolaridade dos respondentes e a instituição de ensino a qual estuda ou estudou é pública ou privada, ambas informações serão descritas conforme análise das tabelas abaixo.

Tabela 5 - Escolaridade da amostra pesquisada

ESCOLARIDADE	FREQUENCIA	PERCENTUAL
Ensino Fundamental	10	1,68
EJA Ensino Fundamental	6	1,01
Ensino Médio	271	45,62
EJA Ensino Médio	127	21,38
Ensino Superior	112	18,86
Pós-Graduação	47	7,91
Graduação Tecnológica	21	3,54
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De acordo com os dados contidos na TAB. 5, a maior parte dos respondentes, representada por 271 sujeitos, ou 45,62% da amostra, estão no ensino médio, 21,38%, ou 127 sujeitos, são da EJA ensino médio, 112 sujeitos (18,86%) estão no ensino superior, 47 sujeitos (7,91% da amostra) são da pós - graduação, os alunos que cursam a graduação tecnológica representam 3,54% da amostra, no caso 21 sujeitos. Do ensino fundamental normal e da EJA do ensino fundamental, teve uma amostra de 10 e 6 respondentes, respectivamente.

Tabela 6 - Instituição de Ensino

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	FREQUENCIA	PERCENTUAL
Pública	455	76,60
Privada	139	23,40
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Do total dos respondentes, 455 pessoas, ou seja, 76,60% da amostra são de instituições públicas, e 139 pessoas, ou 23,40%, provem de instituições privadas, conforme demonstrado na TAB. 6. Nesta questão foram consideradas as instituições em que os respondentes estudam atualmente, ou que estudaram pela última vez.

4.1.6 Características do trabalho atual

Nas tabelas a seguir, são representadas as características de trabalho dos respondentes, e em qual setor de atuação.

Tabela 7 - Características do trabalho

CARACTERÍSTICA DO TRABALHO	FREQUENCIA	PERCENTUAL
Nunca Trabalhou	143	24,07
Já trabalhou	150	25,25
Trabalha	301	50,67
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Em relação a ocupação, representada na TAB. 7, dos 594 respondentes, 301 informaram que trabalham, representando 50,67% do total da amostra, 150 respondentes, ou 25,25%, disseram já ter trabalhado, e 143 respondentes, 24,07% da amostra, nunca trabalhou.

Tabela 8 - Setor do trabalho

SETOR	FREQUENCIA	PERCENTUAL
Setor Público	106	17,85
Setor Privado	345	58,08
Nunca Trabalhei	143	24,07
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De acordo com a TAB. 8, 345 sujeitos, ou 58,08% da amostra, trabalha ou trabalhou no setor privado e 106 respondentes, cerca de 17,85%, trabalha ou trabalhou no setor público.

4.1.7 Renda Pessoal

Em relação a renda pessoal, representada na TAB. 9, 351 dos respondentes, ou seja, 59,09% da amostra recebem até R\$ 937,00; 178 respondentes, cerca de 29,97%, recebem na faixa de R\$ 937,01 até R\$ 2.811,00; há 34 respondentes,

5,72%, que estão nas faixas de R\$ 2.811,01 até R\$ 4.685,00; 28 respondentes (4,71% da amostra) recebem de R\$ 4.685,01 até R\$ 14.055,00; e apenas 3 pessoas (0,51%) recebe acima de R\$ 14.055,00.

Tabela 9 - Renda Pessoal

RENDA PESSOAL	FREQUENCIA	PERCENTUAL
até R\$ 937,00	351	59,09
de R\$ 937,01 até R\$ 2.811,00	178	29,97
de R\$ 2.811,01 até R\$ 4.685,00	34	5,72
de R\$ 4.685,01 até R\$ 14.055,00	28	4,71
Mais de R\$ 14.055,00	3	0,51
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

4.1.8 Renda Familiar

Em uma pesquisa feita pelo IBGE, foi demonstrado o valor dos rendimentos que representam as classes sociais no Brasil, Esta informação consta na TAB. 10.

Tabela 10 - Tabela de classe social

Classe Social	Renda Mensal	Valor atual
A	Acima de 15 salários mínimos	Mais de R\$ 14.055,00
B	De 05 a 15 salários mínimos	De R\$ 4.685,01 até R\$ 14.055,00
C	De 03 a 05 salários mínimos	De R\$ 2.811,01 até R\$ 4.685,00
D	De 01 até 03 salários mínimos	De R\$ 937,01 até R\$ 2.811,00
E	Até 1 salário mínimo	Até R\$ 937,00

Fonte: Adaptado de Datos Marketing (2017).

Na TAB. 11, é representada a renda familiar dos respondentes da pesquisa.

Tabela 11 - Renda Familiar

RENDA FAMILIAR	FREQUENCIA	PERCENTUAL
até R\$ 937,00	84	14,14
de R\$ 937,01 até R\$ 2.811,00	256	43,10
de R\$ 2.811,01 até R\$ 4.685,00	157	26,43
de R\$ 4.685,01 até R\$ 14.055,00	86	14,48
Mais de R\$ 14.055,00	11	1,85
Total	594	100,00

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Do total da amostra, 256 pessoas (43,10%) pertencem a classe D, tendo renda familiar na faixa R\$ 937,01 até R\$ 2.811,00; 157 pessoas (26,43%) são da classe C recebendo na faixa de R\$ 2.811,01 até R\$ 4.685,00; 86 pessoas (14,48%) estão na

classe B, possuindo renda familiar entre R\$ 4.685,01 até R\$ 14.055,00; 84 pessoas (14,14%) São da classe E; e 11 pessoas (1,85%) possuem renda familiar acima de R\$ 14.055,00, sendo assim da classe A.

4.2 Análise dos testes não paramétricos

Para esta etapa, procedeu-se com uma análise bivariada dos dados, onde é feito uma comparação entre duas variáveis independentes (HAIR JR. *et al.*, 2010). Os indicadores dos constructos, com suas respectivas médias e desvio padrão, podem ser observados, conforme TAB. 12.

Tabela 12 - Estatística descritiva dos indicadores da pesquisa

Indicadores	N	Média	Desvio Padrão	Indicadores	N	Média	Desvio Padrão
ConhAdq1	594	5,41	2,709	ConsqFut1	594	6,40	2,888
ConhAdq2	594	3,78	3,392	ConsqFut2	594	5,74	2,810
ConhAdq3	594	3,54	2,584	ConsqFut3	594	3,94	2,768
ConhAdq4	594	3,12	2,469	ConsqFut4	594	4,24	2,634
ConhAdq5	594	2,24	2,416	ConsqFut5	594	5,88	3,086
ConhAdq6	594	3,82	2,708	ConsqFut6	594	5,92	3,498
ConhAdq7	594	2,60	2,237	ConsqFut7	594	6,56	2,799
ConhAdq8	594	1,44	1,384	ConsqFut8	594	3,92	2,860
ConhAdq9	594	4,05	2,969	ConsqFut9	594	4,06	2,917
ConhAdq10	594	5,85	3,094	ConsqFut10	594	4,09	2,624
ConhAdq11	594	6,14	3,493	EstresFin1	594	7,30	3,201
ConhAdq12	594	4,68	3,142	EstresFin2	594	7,69	2,925
ConhAdq13	594	4,67	2,847	EstresFin3	594	6,40	3,164
ConhAdq14	594	4,62	3,210	EstresFin4	594	7,05	3,384
ConhAdq15	594	6,83	3,076	EstresFin5	594	7,38	3,193
AutoEfPer1	594	6,75	2,966	EstresFin6	594	4,71	3,333
AutoEfPer2	594	5,24	2,952	EstresFin7	594	7,09	3,230
AutoEfPer3	594	4,90	2,759	EstresFin8	594	7,25	3,114
AutoEfPer4	594	5,02	2,821	EstresFin9	594	6,52	3,758
AutoEfPer5	594	5,29	2,931	EstresFin10	594	4,70	3,210
AutoEfPer6	594	5,46	3,093	EstresFin11	594	6,97	3,349
AutoEfPer7	594	5,05	2,760	EstresFin12	594	7,54	3,731

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A seguir serão apresentadas as análises referentes às variáveis independentes: escolaridade, gênero e renda familiar, em relação aos indicadores das variáveis independentes: conhecimento adquirido, auto eficácia percebida, expectativa de

futuro, estresse financeiro e educação financeira. As variáveis referente a faixa etária, estado civil, condição de moradia, instituição de ensino, característica do trabalho atual, onde trabalha e renda pessoal, não entraram na análise a seguir, pois não apresentaram diferenças entre as médias dos constructos.

4.2.1 Capital social

Para a análise referente ao capital social dos respondentes deste estudo, foi feita uma comparação sobre a variável do conhecimento adquirido em relação ao nível de escolaridade, gênero e renda familiar dos respondentes. Este constructo foi traduzido em três variáveis latentes: uso, conhecimento e expectativa sobre os indicadores apresentados.

Tabela 13 - Conhecimento adquirido x escolaridade

Indicadores	Ensino Médio			EJA E. Médio			Graduação			Pós Graduação			Graduação Tecnológica			Significância Sig.
	N	Média	D.P	N	Média	D.P	N	Média	D.P	N	Média	D.P	N	Média	D.P	
B1	271	4,67	2,52	127	5,37	2,60	112	6,19	2,37	47	7,91	2,46	21	6,90	2,57	,000
B10	271	5,28	3,08	127	5,52	3,34	112	6,79	2,44	47	7,77	2,63	21	6,52	2,68	,000
B11	271	5,08	3,38	127	5,94	3,66	112	7,57	2,95	47	8,32	2,70	21	8,19	2,34	,000
B13	271	3,93	2,64	127	4,10	2,90	112	6,21	2,26	47	6,83	2,59	21	6,19	2,16	,000
B14	271	4,83	3,17	127	3,83	3,17	112	5,35	3,13	47	4,87	3,26	21	3,57	3,17	,000
B15	271	6,56	3,13	127	6,38	3,30	112	7,79	2,50	47	7,23	2,74	21	7,81	2,36	,004
B2	271	2,42	2,65	127	3,44	3,06	112	5,43	3,55	47	7,79	2,46	21	6,14	3,71	,000
B4	271	2,84	2,25	127	2,80	2,42	112	3,48	2,38	47	4,79	3,00	21	3,81	3,12	,000
B5	271	1,83	1,90	127	2,27	2,38	112	2,13	2,28	47	4,66	3,71	21	2,86	3,05	,000
B6	271	3,38	2,56	127	3,28	2,69	112	4,88	2,64	47	5,49	2,50	21	4,14	2,82	,000
B9	271	3,62	2,89	127	3,49	3,02	112	5,27	2,63	47	5,43	2,77	21	4,48	3,34	,000

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De acordo com a TAB. 13, dos indicadores de conhecimento adquirido considerados significantes, percebe – se que diferenças relacionadas ao nível de escolaridade com uma tendência crescente. Quanto aos indicadores de conhecimento, em destaque está o indicador B15 que se refere ao interesse em adquirir mais conhecimento sobre educação financeira, seu nível está acima de 6,38, o indicador B10, é o segundo maior na média, com um nível acima de 5,28 e está relacionado ao conhecimento sobre as taxas do cartão de crédito, estes resultados estão de

acordo com o exposto por Potrich *et al.* (2015) e Loke (2015) que evidenciaram em seus estudos que o nível de escolaridade contribui positivamente com o aumento do conhecimento financeiro.

O indicador B1 é o terceiro a demonstrar um aumento na média, conforme aumenta o nível de escolaridade (iniciando com 4,67 em seu nível médio), e ele está relacionado ao conhecimento sobre a poupança reforça os resultados de Lusardi e Mitchell (2011), que evidencia a prática de poupar em estudantes que possuem um conhecimento financeiro elevado. Curiosamente, o indicador B14 apresenta uma oscilação com uma tendência decrescente, ele está ligado a influência dos pais na educação financeira do respondente, como a média está em sua maioria abaixo do ponto 5,0, isso demonstra um leve indício de que os estudantes não atribuem sua educação financeira à influência de seus pais, contradizendo os achados de McKenzie (2009) em que os pais, que não tem uma educação financeira, influenciam no conhecimento financeiro dos filhos.

Referente aos indicadores de uso, o indicador que mais se destaca é o B11, que se eleva a medida que aumenta o nível de escolaridade, com um nível médio de 5,08 entre os respondentes de ensino médio, e chegando a 8,32 em estudantes de pós-graduação, tal indicador está relacionado ao uso do cartão de crédito.

Em relação ao nível de expectativa, os respondentes demonstram não ter um grau elevado, embora ainda mantenha o aumento no nível de acordo com a escolaridade, este indicador pouco passa o nível de 5,20.

Nesta análise não utilizou os indicadores referente ao ensino fundamental e EJA fundamental, pois os mesmos não compunham nem 5% da amostra.

Tabela 14 - Conhecimento adquirido x gênero

Indicadores	Feminino			Masculino			Significância Sig. (2 extremidades)
	N	Média	Desvio Padrão	N	Média	Desvio Padrão	
B5	268	2,55	2,676	326	1,98	2,149	0,005
B7	268	2,85	2,372	326	2,40	2,102	0,017
B8	268	1,61	1,660	326	1,31	1,092	0,008

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Em relação ao gênero, apenas os indicadores B5, B7 e B8 demonstraram ter significância entre as médias, porém em ambos os indicadores o nível médio está abaixo da média natural do indicador, tanto para o gênero masculino quanto o feminino. Tais constructos estão relacionados à aplicação de dinheiro e ao conhecimento sobre a bolsa de valores, a referida análise demonstra que as mulheres possuem um conhecimento maior que os homens, em relação aos investimentos financeiros, este achado refuta o demonstrado pela teoria, evidenciado nas pesquisas de Rasoaisi *et al* (2015), Potrich *et al.* (2015), onde indivíduos do sexo masculino, possuem maior conhecimento financeiro.

Tabela 15 - Conhecimento adquirido x renda familiar

Indicadores	R\$937,00			R\$937,00 - R\$2.811,00			R\$2.811,00 – R\$4.685,00			R\$4.685,00 – R\$14.055,00			+ R\$14.055,00			Signif. Sig.
	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	
B1	84	4,15	2,67	256	5,18	2,53	157	5,68	2,64	86	6,56	2,74	11	7,55	2,84	,000
B10	84	4,95	3,25	256	5,41	3,11	157	6,04	2,89	86	7,44	2,54	11	7,73	3,29	,000
B11	84	4,86	3,44	256	5,65	3,47	157	6,62	3,45	86	7,84	2,84	11	7,45	3,59	,000
B13	84	3,38	2,55	256	4,20	2,72	157	5,21	2,86	86	6,03	2,51	11	7,09	3,14	,000
B14	84	3,87	3,23	256	4,46	3,16	157	4,82	3,14	86	5,45	3,28	11	4,82	3,54	,014
B2	84	2,80	2,93	256	3,23	3,05	157	4,15	3,61	86	5,26	3,60	11	7,09	3,48	,000
B4	84	2,62	2,22	256	3,01	2,43	157	3,03	2,39	86	3,84	2,60	11	5,00	3,58	,003
B5	84	1,92	2,00	256	1,97	2,02	157	2,16	2,38	86	3,01	3,15	11	6,09	3,45	,000
B6	84	2,93	2,56	256	3,59	2,57	157	4,04	2,78	86	4,65	2,78	11	6,45	1,92	,000
B9	84	3,49	3,01	256	3,74	2,86	157	4,36	3,08	86	4,76	2,89	11	5,82	2,18	,001

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Na TAB. 15, estão relacionados os indicadores de conhecimento adquirido com a renda financeira das famílias dos respondentes, e há um aumento gradual no nível dos indicadores conforme aumenta a renda familiar, em especial no indicador B10, referente ao conhecimento das taxas e formas do cartão de crédito, o qual inicia com 4,95 em seu nível entre as famílias de classe E, e chega a 7,73 nas famílias pertencentes a classe A. Quanto ao uso, pode-se perceber que o indicador com

maior média é o B11, referente ao uso do cartão de crédito, do mesmo modo, este apresenta um aumento, de acordo com o aumento da renda familiar. Quanto a expectativa, as famílias da classe A são aquelas que demonstram um maior nível de expectativa de retorno em aplicações. Os estudos de Bendavid-Hadar e Hadad (2013) e Potrich *et al.* (2015) corroboram com estes achados em que estudantes com status socioeconômico mais elevado, demonstra maior conhecimento financeiro.

4.2.2 Auto eficácia percebida

Na análise deste constructo será analisado as variáveis referente a habilidade e confiança, presente no constructo.

Tabela 16 - Auto eficácia x escolaridade

Indicadores	Ensino Médio			EJA E. Médio			Graduação			Pós Graduação			Graduação Tecnológica			Significância Sig.
	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	
C1	271	6,36	3,02	127	6,33	3,14	112	7,39	2,51	47	8,62	1,85	21	7,48	2,75	,000
C3	271	4,62	2,56	127	4,30	2,87	112	5,73	2,66	47	6,49	2,39	21	5,19	3,28	,000
C4	271	4,63	2,67	127	4,51	3,09	112	6,03	2,53	47	6,45	2,46	21	5,38	2,73	,000
C5	271	5,01	2,82	127	5,14	3,38	112	5,86	2,57	47	6,06	2,59	21	5,95	3,35	,012
C6	271	5,83	2,94	127	5,30	3,49	112	5,50	2,97	47	4,55	2,55	21	4,76	3,63	,025
C7	271	4,76	2,59	127	4,65	3,17	112	5,96	2,48	47	5,89	2,48	21	5,71	2,70	,000

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Com base no exposto na TAB. 16, o indicador C1 referente a habilidade de resolver os problemas financeiros com o devido esforço, demonstra um nível crescente iniciando com uma média de 6,34 e chegando à 8,62 para os estudantes de pós graduação. Na variável da confiança, o indicador que mais se destaca é o C5, que está relacionado a confiança de se manter calmo diante das dificuldades financeiras por saber lidar com elas. Neste aspecto o nível está acima da média e se eleva de acordo com o nível de escolaridade. Os trabalhos de Ribeiro *et al.* (2015), Pereira e Zdanowicz (2015) e Conto *et al.* (2015) demonstram a percepção dos estudantes em aplicar o pouco conhecimento a respeito de suas finanças pessoais, através de pequenos planejamentos e controles de gastos.

Tabela 17 - Auto eficácia x gênero

Indicadores	Feminino			Masculino			Significância Sig. (2 extremidades)
	N	Média	Desvio Padrão	N	Média	Desvio Padrão	
C5	268	5,59	2,898	326	5,04	2,939	,023

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Analisando o indicador com significância entre as médias da Tab. 17, percebe-se que a capacidade de se manter calmo no enfrentamento das dificuldades financeiras por possuir confiança em suas habilidades é próximo entre os respondentes homens e mulheres, tendo um maior nível entre as mulheres, 5,59 contra 5,04 nos homens, novamente indo contra os achados das pesquisas de Rasoaisi *et al* (2015), Potrich *et al.* (2015).

Tabela 18 - Auto eficácia x renda familiar

Indicadores	R\$937,00			R\$937,00 - R\$2.811,00			R\$2.811,00 – R\$4.685,00			R\$4.685,00 – R\$14.055,00			+ R\$14.055,00			Significância Sig.
	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	
C1	84	5,96	3,31	256	6,38	2,95	157	7,03	2,94	86	7,71	2,30	11	9,82	0,40	,000
C2	84	4,74	3,12	256	5,03	3,03	157	5,53	2,84	86	5,60	2,67	11	7,09	2,51	,020
C3	84	4,17	2,92	256	4,53	2,55	157	5,28	2,85	86	5,59	2,66	11	8,09	1,38	,000
C4	84	3,96	2,80	256	4,74	2,71	157	5,45	2,88	86	5,69	2,61	11	8,27	1,56	,000
C5	84	4,62	3,24	256	5,04	2,83	157	5,74	2,98	86	5,66	2,71	11	6,73	2,10	,004
C7	84	4,02	2,95	256	4,70	2,63	157	5,55	2,74	86	6,09	2,53	11	5,82	2,44	,000

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Na TAB. 18, pode se perceber que tanto os indicadores de habilidade e confiança possuem uma progressão conforme aumenta o rendimento familiar dos respondentes. Com um destaque para o indicador de habilidade C1, referente a capacidade de resolver os problemas caso faça esforço necessário, tal indicador possui uma média de 5,96 entre as famílias da classe E, e chega a 9,82 nas famílias da classe A. Em relação aos indicadores de confiança, percebe-se que há um nível baixo de confiança em lidar com eventos inesperados nas famílias com rendimento menor, em comparação a confiança dos respondentes de famílias que recebem mais.

4.2.3 Expectativa de futuro

Este constructo é medido através de indicadores referentes a preocupações com eventos futuros e com eventos presentes.

Tabela 19 - Expectativa de futuro x escolaridade

Indicador	Ensino Médio			EJA E. Médio4			Graduação			Pós Graduação			Graduação Tecnológica			Significância Sig.
	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	
D1	271	6,60	2,77	127	5,47	3,05	112	6,77	2,66	47	7,72	2,52	21	5,76	3,11	,000
D10	271	4,10	2,49	127	4,98	3,00	112	3,64	2,28	47	2,74	2,16	21	2,90	1,87	,000
D2	271	5,82	2,68	126	5,11	3,02	112	6,04	2,71	47	6,77	2,52	21	6,05	3,07	,002
D4	270	4,06	2,46	127	4,92	3,08	112	3,91	2,43	47	3,66	2,56	21	4,81	2,14	,006
D5	271	5,97	3,65	127	5,82	2,91	112	5,96	2,15	47	5,34	2,36	21	7,24	1,67	,013
D7	271	6,47	2,74	127	5,40	3,07	112	7,33	2,28	47	7,87	2,01	21	7,81	2,46	,000
D8	271	3,87	2,88	127	4,54	3,18	112	3,49	2,32	47	3,23	2,57	21	3,33	2,67	,048
D9	271	4,23	3,02	127	4,36	3,10	112	3,88	2,52	47	2,85	2,48	21	3,14	2,83	,038

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Ao analisar os dados da TAB. 19, nota-se que há uma preocupação a respeito do planejamento futuro, levando em conta os eventos que ainda vão ocorrer, esta observação acontece, pois os indicadores D1, D2 e D7 referentes aos eventos futuros demonstram um maior nível em suas escalas, ainda é perceptível a progressão conforme o aumento no nível educacional. Loke (2015), Ribeiro *et al.* (2015) e Pereira e Zdanowicz (2015) corroboram em seus estudos, ao evidenciarem que os indivíduos possuem uma preocupação com o futuro no planejamento de suas finanças.

Sobre a preocupação com eventos presente, os respondentes demonstram um nível baixo sobre este aspecto, com uma exceção no indicador D5, que se refere a conveniência como um fator considerável nas decisões e ações, este indicador é o único que demonstra níveis mais elevados, neste aspecto Medeiros e Lopes (2014), trazem uma abordagem contrária, em que os indivíduos preferem pagar suas contas no imediato, preferindo pagamento em dinheiro.

Tabela 20 - Expectativa de futuro x gênero

Indicador	Feminino			Masculino			Significância Sig. (2 extremidades)
	N	Média	Desvio Padrão	N	Média	Desvio Padrão	
D1	268	5,94	2,854	326	6,78	2,864	,000
D10	268	4,44	2,624	326	3,81	2,594	,002
D3	268	4,14	2,681	326	3,78	2,831	,034
D8	268	4,10	2,795	326	3,76	2,907	,044

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Analisando o constructo expectativa de futuro com o gênero, pode observar pela TAB. 20 que o indicador referente à preocupação com o futuro, D1, possui um nível mais elevado que aqueles referente a preocupação com presente, e este indicador é mais elevado para os respondentes do sexo masculino (6,78) do que no feminino (5,94). Em concordância a isso, os indicadores relacionados a preocupação imediata D10, D3 e D8 possuem níveis mais elevados entre os respondentes do sexo feminino do que no masculino, o que demonstra uma atitude mais imediatista por parte do público feminino.

Tabela 21 - Expectativa de futuro x renda familiar

Indicador	R\$937,00			R\$937,00 - R\$2.811,00			R\$2.811,00 – R\$4.685,00			R\$4.685,00 – R\$14.055,00			+ R\$14.055,00			Significância Sig.
	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	
D1	84	5,68	3,25	256	6,28	2,76	157	6,42	2,94	86	7,19	2,56	11	8,27	2,65	,003
D10	84	4,44	2,94	256	4,07	2,51	157	4,14	2,60	86	4,02	2,70	11	1,82	1,33	,033
D2	84	5,42	3,11	255	5,38	2,72	157	6,01	2,87	86	6,43	2,52	11	7,27	2,10	,005
D6	84	5,99	3,16	255	5,40	3,14	157	6,15	3,00	86	6,94	5,15	11	6,45	3,11	,021
D7	84	5,86	3,25	256	6,40	2,74	157	6,61	2,77	86	7,43	2,38	11	8,18	1,72	,003

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De acordo com as informações cruzadas e apresentadas pela TAB. 21 percebe-se uma relação proporcional entre o a renda familiar e a preocupação com eventos futuros, sendo que quanto maior a renda, mais elevado é o nível dos indicadores D1, D2, D6 e D7 referentes a preocupação com o futuro, por parte dos respondentes. Além disso, o indicador D10, referente a tomada de ação para satisfação imediata demonstra um nível baixo que reduz ainda mais de acordo com o aumento da renda familiar.

4.2.4 Estresse financeiro

Neste constructo, é avaliado o nível do estresse financeiro o qual os estudantes são submetidos.

Tabela 22 - Estresse financeiro x escolaridade

Indicador	Ensino Médio			EJA E. Médio4			Graduação			Pós Graduação			Graduação Tecnológica			Signif. Sig.
	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	
E1	271	6,87	3,27	127	6,69	3,57	112	8,43	2,20	47	7,89	3,24	21	8,29	2,69	,000
E10	271	4,34	3,09	127	4,54	3,27	112	5,33	3,19	47	5,66	3,38	21	4,24	2,77	,047
E11	271	6,33	3,41	127	6,45	3,65	112	8,15	2,61	47	8,49	2,59	21	8,14	2,76	,000
E12	271	7,20	4,53	127	7,29	3,26	112	8,16	2,43	47	7,98	2,53	21	8,71	2,43	,007
E2	271	7,34	3,03	127	7,26	3,22	112	8,53	2,09	47	8,38	2,56	21	8,43	2,69	,006
E3	271	5,83	3,19	127	6,33	3,38	112	7,33	2,67	47	7,11	2,85	21	7,33	2,99	,001
E5	271	7,03	3,30	127	6,85	3,54	112	8,41	2,28	47	7,83	3,02	21	7,71	3,20	,004
E6	271	4,56	3,29	127	4,20	3,37	112	5,55	3,36	47	4,87	3,15	21	5,95	2,92	,002
E7	271	6,68	3,34	127	6,87	3,38	112	7,79	2,79	47	7,96	2,77	21	7,29	3,32	,017
E8	271	6,89	3,28	127	6,72	3,42	112	8,20	2,23	47	7,87	2,73	21	8,10	2,41	,003
E9	271	6,02	3,74	127	5,89	3,96	112	7,86	3,20	47	7,83	3,38	21	6,19	3,93	,000

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Com base na análise da TAB. 22, pode-se observar que os indicadores referente ao estresse financeiro, geram tal estresse que se agrava mais a medida que aumenta a escolaridade. Em destaque tem-se o indicador E2, o qual representa o estresse de não ter dinheiro para quitar as contas, neste o nível já é elevado (7,34) que aumenta para (8,53) na graduação de acordo com o nível, isso pode ser evidenciado no estudo de Medeiros e Lopes (2014), onde os sujeitos de pesquisa demonstram uma grande preocupação em não deixar as contas atrasarem. O indicador E6, onde o conhecimento de que o indivíduo ou sua família recebe menos que seus pares é o que causa menos estresse entre os respondentes.

Tabela 23 - Estresse financeiro x gênero

Indicador	Feminino			Masculino			Signif. Sig. (2 extremidades)
	N	Média	Desvio Padrão	N	Média	Desvio Padrão	
E11	268	6,48	3,456	326	7,37	3,209	,001
E2	268	7,15	3,035	326	8,14	2,756	,000

E3	268	5,82	3,174	326	6,88	3,078	,000
E4	268	6,44	3,400	326	7,55	3,293	,000
E5	268	6,91	3,159	326	7,76	3,175	,000
E6	268	4,10	3,070	326	5,21	3,460	,000
E7	268	6,76	3,180	326	7,36	3,249	,002
E8	268	6,79	3,082	326	7,63	3,093	,000
E9	268	6,06	3,741	326	6,89	3,736	,002

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Comparando a relação de gênero e os indicadores de estresse financeiro na TAB. 23, percebe-se que entre os indicadores de estresse financeiro, os homens são mais propensos ao estresse. Sendo que o nível mais elevado de estresse entre os homens é referente a não ter dinheiro para honrar suas dívidas do dia a dia, 8,14 e o nível do mesmo indicador nas mulheres são de 7,15.

Tabela 24 - Estresse financeiro x renda familiar

Indicador	R\$937,00			R\$937,00 - R\$2.811,00			R\$2.811,00 – R\$4.685,00			R\$4.685,00 – R\$14.055,00			+ R\$14.055,00			Sig. nif. Sig.
	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	N	Média	D.P.	
E1	84	6,75	3,49	256	7,26	3,16	157	7,11	3,22	86	8,20	2,83	11	8,27	3,17	,013
E11	84	6,88	3,60	256	6,51	3,30	157	7,15	3,42	86	7,79	3,06	11	9,09	1,45	,005
E3	84	6,68	3,20	256	6,09	3,16	157	6,34	3,21	86	6,98	3,02	11	8,09	2,47	,050
E8	84	7,45	3,21	256	6,97	3,23	157	6,99	3,14	86	8,16	2,43	11	8,73	2,45	,009
E9	84	5,89	3,95	256	6,33	3,71	157	6,39	3,79	86	7,60	3,56	11	9,09	1,51	,004

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A TAB. 24 representa quais indicadores possuem significância entre as médias e possuem relação com o estresse financeiro e a fonte de renda familiar. Onde o indicador E8, que representa não receber o suficiente para cobrir os gastos financeiros é o que mais deixa o indivíduo estressado.

4.2.5 Análise descritiva geral

As variáveis latentes são de difícil mensuração, uma vez que não se pode quantificar um conceito. Porém através de indicadores pode – se atribuir um valor mensurável, para que atribua um nível à essas variáveis. Sendo assim, nesta subseção serão analisados os indicadores que visam quantificar as variáveis latentes (capital social, autoeficácia percebida, expectativa de futuro e estresse financeiro).

Tabela 25 - Indicadores

Indicador	N	Média	Desvio Padrão
Conhecimento	594	4,60	1,80
Uso	594	4,02	1,68
Expectativa	594	3,57	1,85
Habilidade	594	5,51	2,19
Confiança	594	5,21	2,23
TomadadeDecisao	594	4,02	2,16
CircunstanciasTemporais1	594	6,13	2,09
CircunstanciasTemporais2	594	4,66	1,94
EstresseFinanceiro1	594	7,16	2,44
EstresseFinanceiro2	594	6,07	2,33
N válido (de lista)	594		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De acordo com a TAB. 25, pode – se perceber o nível médio atribuído aos indicadores referentes as variáveis latentes. O indicador de conhecimento, é o maior entre aqueles que medem o constructo de capital social, possuindo uma média geral de 4,62.

Para o constructo de autoeficácia percebida, o indicador de habilidade é aquele que se destaca, com uma média geral de 5,51, seu destaque é atribuído à habilidade do indivíduo em resolver problemas financeiros difíceis, desde que faça esforço necessário.

Considerando o construto de expectativa de futuro, o indicador de preocupação com o futuro, auferindo uma média de 6,13. O indicador de destaque é quando se preocupa com alertas de potenciais resultados negativos, mesmo que isto ocorra daqui a muito tempo.

No constructo de estresse financeiro, é o indicador relacionado a pagamentos, onde não ter dinheiro para pagar as contas do dia a dia, deixa mais estressado, com nível de 7,16.

4.2.6 Conhecimento Financeiro

O teste sobre a educação financeira foi mensurado de um modo diferente, as questões foram numeradas de F1 a F16.

Na TAB. 26 abaixo, as questões estão alocadas com a quantidade de respondentes que acertaram com seu valor em percentual e a quantidade que erraram e seus respectivos percentuais.

Tabela 26 - Teste educação financeira

QUESTÕES	Acertos	Percentual	Erros	Percentual	Total
A1 - Suponha que você tivesse R\$ 100,00 em uma conta de poupança, onde a taxa de juros fosse 2% ao ano. Ao final de 5 anos, quanto você acha que teria nessa conta se tivesse deixado seu dinheiro lá, sem mexer nele?	443	74,58	151	25,42	594
A2 - Imagine que a taxa de juros de sua conta poupança é de 1% ao ano e a inflação de 2% ao ano. Depois de um ano, quanto você seria capaz de comprar com o dinheiro dessa conta?	345	58,08	249	41,92	594
A3 – Se seu amigo herdar R\$ 100.000,00 hoje e o irmão dele herdar R\$ 100.000,00 daqui a 3 anos. Sabendo-se que pessoa que herdou o dinheiro hoje manteve o dinheiro aplicado. Quem é mais rico por causa dessa herança?	341	57,41	253	42,59	594
A4 - Suponha que em 2018, sua renda dobre e que os preços de todos os bens dobrem também. Em 2018, quanto você conseguirá comprar com sua renda?	132	22,22	462	77,78	594
A5 - Qual afirmação descreve melhor a função principal do mercado de ações?	319	53,70	275	46,30	594
A6 - O que acontece se alguém vender todas as suas ações da empresa A.	306	51,52	288	48,48	594
A7 - Qual afirmação sobre fundos de investimento é correta?	312	52,53	282	47,47	594
A8 - O que acontece se alguém compra ações da empresa B?	368	61,95	226	38,05	594
A9 - Considerando-se um longo período de tempo (por exemplo, 10 ou 20 anos), o ativo normalmente dá o maior retorno é:	231	38,89	363	61,11	594
A10 - Normalmente, qual ativo tem maiores oscilações em seus preços ao longo do tempo?	401	67,51	192	32,32	593
A11 - Quando um investidor distribui seu dinheiro entre diferentes aplicações, em geral, o risco de perder dinheiro:	296	49,83	298	50,17	594
A12 - Se você comprar um título do governo que vence em 10 anos, isso significa que você não pode vendê-lo antes do prazo sem incorrer em penalidades.	128	21,55	466	78,45	594
A13 - Os investimentos em ações são, normalmente, mais arriscados do que em poupança.	354	59,60	240	40,40	594
A14 - Se a taxa de juros cai, o preço dos títulos pré-fixados:	212	35,69	382	64,31	594

A15 - Suponha que você tem R\$ 1000,00 a pagar em seu cartão crédito, que a taxa de juro anual é de 20%. Se você não pagar nada e não fizer mais despesas no mesmo cartão, a esta taxa, quantos anos irão levar para que esta quantia dobre?	287	48,32	307	51,68	594
A16 - Você compra um aparelho que custa R\$ 1.000. Para pagar por este aparelho, você tem as seguintes opções: a) pagar 12 parcelas mensais de R\$ 100 cada; b) Contrair um empréstimo à taxa de juros anual de 20% e pagar R\$ 1.200 daqui a um ano. Qual é a oferta mais vantajosa?	239	40,24	355	59,76	594

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Na questão A1, o número de acertos foi de 443, 74,58%, sendo que as respostas erradas foram 151, 25,42%. Na questão A2 teve 345, ou 58,08%, a quantidade de respostas equivocadas foram 249, ou 41,96%. A questão A3 auferiu 341 (57,41%) respostas corretas e 253 (42,59%) respostas erradas. A questão A4 teve uma amostra de 132 respostas certas, ou 22,22%, e 462 respostas erradas, ou 77,78%.

Na questão A5 319 (53,70%) estudantes responderam corretamente, 275 (46,3%) responderam erroneamente. A questão A6 obteve 306 acertos, ou 51,52%, e 288 (48,48%) respostas erradas. Houve 52,53% de acertos (312) e 47,47% de erros (282) na questão A7. Para a questão A8, obteve 61,95% das respostas corretas e 38,05% de respostas erradas.

A questão A9 seguiu com 231 acertos e 363 erros. Na questão A10, 67,51% das respostas estavam corretas e 32,32% foram respondidas de forma errada. A questão A11 foi a que causou maior dúvida entre os respondentes, auferindo 296 acertos e 298 erros. A12 seguiu com uma margem maior de erros, 466 (78,45%) contra 128 (21,55%) acertos.

A respeito da questão A13, houve 59,60% de acertos, ou 354, e 40,40% de erros (240). Na questão A14, 212 foram os respondentes que acertaram a questão, e 382 foram os que erraram. As questões A15 e A16 auferiram 287 acertos, 307 erros e 239 acertos e 355 erros, respectivamente.

4.2.5.1 Atribuição de Peso e nota

Para que o constructo de educação financeira fosse melhor avaliado, procedeu – se com uma divisão das questões por blocos com pesos distintos, de acordo com o seu grau de complexidade.

As questões de A1 até A4 são consideradas por Donadio (2014), questões básicas, seguidas das questões mais avançadas sobre conceitos financeiros, de A5 até A14. Por fim as questões A15 e A16 são questões avançadas, mas de uso frequente pelos brasileiros: pagamentos de cartões de crédito e contas parceladas.

Deste modo atribuiu as questões básicas o peso ‘um’ por sua simplicidade, peso ‘dois’ as questões de A5 até A14, e peso ‘três’ para as questões A15 e A16, por sua complexidade e importância as finanças pessoais do indivíduo.

Os pesos foram somados e cada um foi ponderado por este somatório. Sendo assim, as questões A1 a A4 foram ponderadas por 0,16667, as questões A5 até A14 foram ponderadas por 0,33333, por fim as questões A15 e A16 foram ponderadas em 0,50. Após isso as questões corretas foram tabuladas como 3 e as questões erradas tabuladas como 1, sendo assim a nota máxima que um respondente poderia alcançar era de: $15: (12 \times 0,16667) + (30 \times 0,33333) + (6 \times 0,5) = 15$.

Tabela 27 - Nota média de educação financeira

N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
594	0,50	13,50	7,32	2,43

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Ao analisarmos a nota média entre os respondentes por nível de escolaridade, TAB. 28, pode – se perceber que nos níveis mais básicos da educação (EM e EJA EM) a nota média é abaixo da média geral dos respondentes (6,89 e 6,33, respectivamente), e quanto mais sobe o nível de escolaridade maior é média. Este achado corrobora com a teoria em que quanto maior o nível educacional, maior o conhecimento financeiro dos indivíduos (POTRICH *et al.*, 2015 e LOKE, 2015).

Tabela 28 - Nota média educação financeira x escolaridade

ESCOLARIDADE	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	MÉDIA GERAL	D.P GERAL
Ensino médio	2,00	13,00	6,89	2,29		
EJA EM	0,50	11,50	6,33	2,20		
Graduação	4,00	13,50	8,71	2,09	7,32	2,43
Pós- graduação	4,50	13,00	9,15	2,20		
Grad. Tecnológica	3,50	11,50	7,83	2,38		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Na TAB. 29, percebe – se que a média das notas auferidas pelos respondentes femininos estão abaixo da média geral, 7,05, enquanto os respondentes masculinos possuem uma nota média de 7,40, um pouco acima da média geral. Neste aspecto, os resultados desta análise corroboram com a teoria exposta por Rasoaisi *et al* (2015), Potrich *et al.* (2015).

Tabela 29 - Nota média educação financeira x gênero

GENERO	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	MÉDIA GERAL	D.P GERAL
MASCULINO	1	13	7,40	2,41	7,32	2,43
FEMININO	0,50	12,50	7,05	2,44		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

É evidenciado na TAB. 30, que as famílias pertencentes a classe E, possuem um baixo conhecimento financeiro, isso atribuído a nota média que está a baixo da média geral. Em concordância com as pesquisas de Bendavid-Hadar e Hadad (2013) e Potrich *et al.* (2015), os resultados demonstram que quanto maior a classe social maior o conhecimento dos indivíduos, os membros da classe A auferiram nota mínima acima da média geral, 9 pontos.

Tabela 30 - Nota média educação financeira x classe social

CLASSES	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	MÉDIA GERAL	D.P GERAL
A	9	12,50	10,73	1,03		
B	3,50	12,50	8,31	2,14		
C	2,50	13,50	7,45	2,26	7,32	2,43
D	0,50	13	7,05	2,44		
E	1	13	6,43	2,40		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

De acordo com os cálculos do programa estatístico e considerando que houve 594 questões do teste de educação financeira respondidos, a nota média foi de 7,32, tendo como nota mínima 0,50 e nota máxima 13,50, o desvio padrão foi de 2,43.

4.3 Modelagem de equação estrutural (SEM)

Para avaliar quais os componentes do modelo conceitual apresentado por Gilligan (2012), refletem na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte, será utilizada a modelagem de equações estruturais, via método PLS (Partial Least Squares).

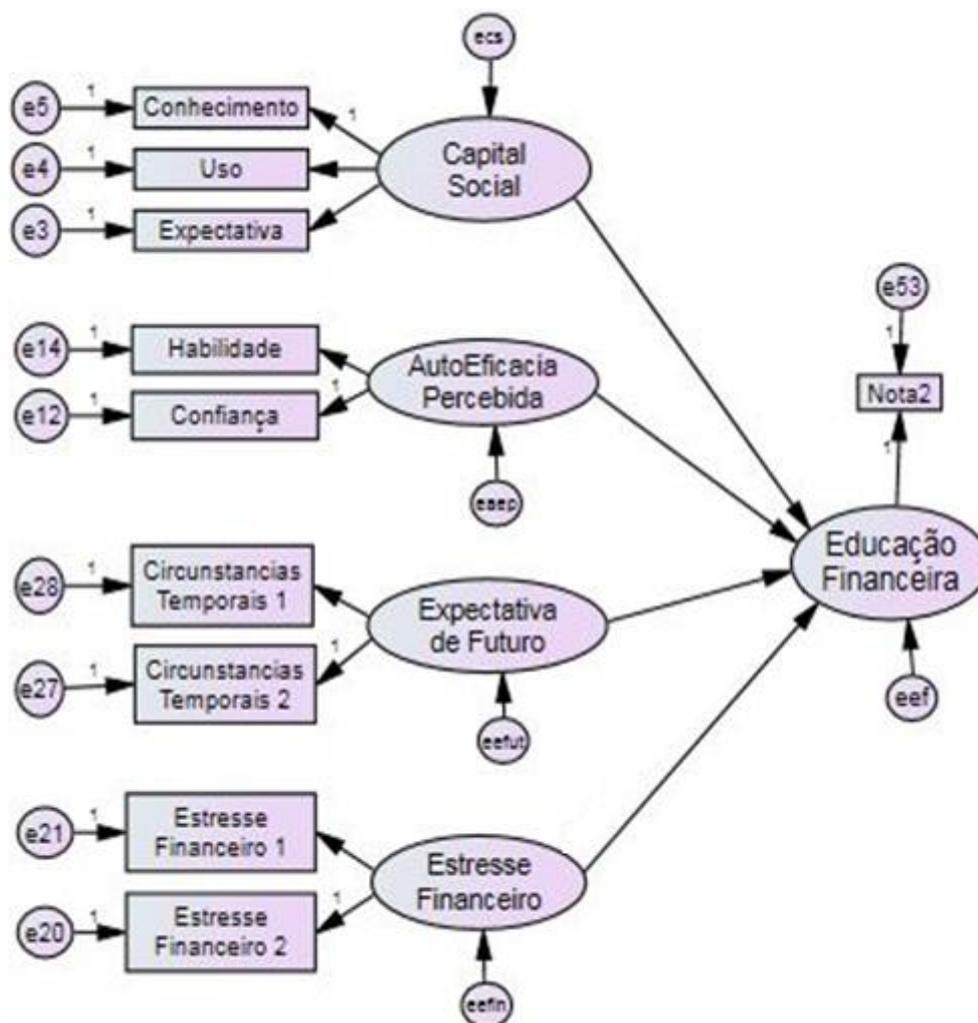
Na estimação do modelo de equações estruturais, a princípio é necessário levantar as hipóteses de pesquisa. Assim, retomamos as hipóteses deste estudo:

- **H1:** O capital social influencia na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte;
- **H2:** A auto eficácia percebida sobre suas finanças pessoais influencia na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte;
- **H3:** As expectativas futuras influenciam na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte;
- **H4:** Há uma inter-relação entre o estresse financeiro e a educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte;

4.3.1 Diagrama de Caminhos

O diagrama de caminhos é uma representação gráfica que descreve as relações causais existentes entre as diversas variáveis sob estudo (Hair, 2009). Assim, para o problema em questão, construiu-se o diagrama de caminhos descrito a seguir pela FIG. 3, que mostra as relações de causa e efeito entre as variáveis estudadas, indicando o modelo proposto.

Figura 3 - Diagrama de Caminhos



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

4.3.2 Modelo de Mensuração:

Os resultados do modelo de mensuração são descritos nesta seção. Este avalia a relação entre as os itens do questionário (variáveis manifestas) e as variáveis latentes, determinando a significância e magnitude destas relações (Hair, 2009).

A seguir são apresentados os resultados obtidos. Uma análise inicial foi realizada indicando a necessidade de exclusão dos itens Capital Social: Uso, questão 8, Educação Financeira Básica, questão 4 e Educação Financeira Avançada, questões 7, 9, 10, 11 e 12 por apresentarem cargas fatoriais abaixo de 0,5. A TAB. 31,

descrita a seguir apresenta as cargas fatoriais obtidas para as questões da pesquisa.

Tabela 31 - Modelo Fatorial

	Confi ança	Habili dade	Conheci mento	Expecta tiva	Uso	Avança do	Básica	Endivida mento	Extres se1	Extres se2	Bem_ Estar	Eventos	Presen te
AutoEficáciaPercebida_Confiança_03	0,822	0,723	0,406	0,263	0,278	0,143	0,121	0,071	-0,003	-0,010	0,143	0,406	0,124
AutoEficáciaPercebida_Confiança_05	0,821	0,630	0,313	0,175	0,217	0,059	0,053	0,011	-0,063	-0,062	0,176	0,319	0,117
AutoEficáciaPercebida_Confiança_06	0,639	0,383	0,183	0,096	0,007	-0,018	-0,056	-0,008	-0,140	-0,136	0,187	0,242	0,176
AutoEficáciaPercebida_Habilidade_01	0,470	0,693	0,410	0,191	0,310	0,134	0,148	0,041	0,082	0,107	0,157	0,344	0,052
AutoEficáciaPercebida_Habilidade_02	0,547	0,715	0,317	0,208	0,215	0,037	-0,019	-0,022	-0,023	-0,064	0,152	0,337	0,123
AutoEficáciaPercebida_Habilidade_04	0,672	0,826	0,454	0,219	0,303	0,117	0,134	0,075	0,012	-0,004	0,192	0,398	0,159
AutoEficáciaPercebida_Habilidade_07	0,662	0,816	0,409	0,222	0,295	0,114	0,084	0,072	-0,031	-0,036	0,249	0,418	0,104
CapitalSocial_Conhecimento_01	0,269	0,360	0,728	0,433	0,534	0,152	0,160	0,109	0,118	0,105	0,084	0,206	0,014
CapitalSocial_Conhecimento_05	0,193	0,246	0,537	0,443	0,378	0,013	0,053	0,147	0,047	0,052	0,048	0,134	-0,022
CapitalSocial_Conhecimento_07	0,183	0,229	0,593	0,515	0,288	0,037	0,012	0,022	0,004	-0,040	0,001	0,143	0,016
CapitalSocial_Conhecimento_10	0,252	0,374	0,739	0,400	0,523	0,066	0,099	0,059	0,200	0,161	0,097	0,274	0,017
CapitalSocial_Conhecimento_13	0,370	0,492	0,775	0,448	0,510	0,234	0,208	0,042	0,163	0,171	0,079	0,332	-0,016
CapitalSocial_Conhecimento_14	0,293	0,286	0,566	0,318	0,224	0,073	0,064	0,000	0,063	0,052	0,051	0,249	-0,004
CapitalSocial_Conhecimento_15	0,260	0,321	0,525	0,286	0,264	0,121	0,102	0,010	0,165	0,180	0,133	0,402	-0,045
CapitalSocial_Expectativa_03	0,122	0,091	0,177	0,518	0,200	-0,020	0,004	-0,005	0,010	-0,073	0,028	0,031	-0,002
CapitalSocial_Expectativa_04	0,231	0,281	0,610	0,792	0,433	0,048	0,090	0,173	0,094	0,077	0,043	0,227	-0,038
CapitalSocial_Expectativa_09	0,130	0,155	0,413	0,722	0,462	0,141	0,165	0,016	0,042	0,053	-0,009	0,120	-0,062
CapitalSocial_Uso_02	0,164	0,255	0,401	0,269	0,661	0,201	0,268	0,170	0,092	0,086	0,034	0,182	-0,067
CapitalSocial_Uso_06	0,197	0,235	0,504	0,684	0,660	0,139	0,170	0,071	0,087	0,071	-0,009	0,178	-0,032
CapitalSocial_Uso_11	0,077	0,219	0,355	0,145	0,639	0,091	0,054	0,000	0,167	0,165	0,046	0,073	-0,054
CapitalSocial_Uso_12	0,146	0,218	0,270	0,190	0,557	0,047	-0,055	0,019	0,051	0,002	0,110	0,094	0,098
EducaçãoFinanceira_Avançada_05	0,100	0,132	0,120	0,068	0,114	0,578	0,252	0,085	-0,035	-0,056	-0,006	0,051	-0,038
EducaçãoFinanceira_Avançada_06	-0,014	0,000	0,042	0,038	0,070	0,648	0,258	0,085	0,046	0,022	-0,125	0,105	-0,118
EducaçãoFinanceira_Avançada_08	0,030	0,054	0,010	-0,014	0,079	0,707	0,241	0,068	0,053	0,073	-0,098	0,078	-0,150
EducaçãoFinanceira_Avançada_13	0,118	0,155	0,244	0,153	0,240	0,645	0,287	0,159	0,109	0,163	0,019	0,157	-0,065
EducaçãoFinanceira_Básica_01	0,056	0,082	0,100	0,129	0,114	0,226	0,593	0,081	0,111	0,098	-0,025	0,045	-0,025

EducaçãoFinanceira_Básica_02	0,073	0,105	0,137	0,076	0,138	0,220	0,645	0,149	0,128	0,144	0,009	0,176	-0,066
EducaçãoFinanceira_Básica_03	0,011	0,051	0,096	0,086	0,136	0,351	0,769	0,109	0,114	0,160	-0,085	0,107	-0,150
EducaçãoFinanceira_Endividamento_15	0,009	0,058	0,100	0,115	0,130	0,195	0,205	0,827	0,115	0,118	-0,041	0,039	-0,049
EducaçãoFinanceira_Endividamento_16	0,052	0,013	0,006	0,021	-0,004	-0,023	-0,013	0,519	-0,016	-0,032	0,024	-0,051	0,040
EstresseFinanceiro_01	0,047	0,136	0,263	0,165	0,216	0,103	0,142	0,097	0,695	0,498	0,057	0,172	-0,023
EstresseFinanceiro_02	-0,025	0,021	0,158	0,109	0,145	0,088	0,158	0,059	0,792	0,569	0,030	0,120	0,001
EstresseFinanceiro_03	-0,077	0,027	0,135	0,021	0,118	0,017	0,093	0,076	0,747	0,558	0,079	0,091	0,056
EstresseFinanceiro_04	-0,063	-0,039	0,067	0,038	0,066	0,047	0,083	0,066	0,722	0,524	0,060	0,101	0,034
EstresseFinanceiro_05	-0,063	0,019	0,144	0,053	0,113	0,067	0,199	0,065	0,834	0,700	0,057	0,158	-0,032
EstresseFinanceiro_06	-0,179	-0,136	-0,013	-0,039	0,021	-0,027	0,070	0,028	0,577	0,480	0,047	-0,007	0,012
EstresseFinanceiro_07	-0,076	-0,049	0,120	0,047	0,112	0,053	0,146	0,109	0,671	0,798	0,091	0,096	-0,006
EstresseFinanceiro_08	-0,061	0,022	0,116	0,045	0,094	0,068	0,148	0,112	0,735	0,829	0,106	0,187	0,009
EstresseFinanceiro_09	-0,071	-0,012	0,102	0,055	0,086	0,077	0,185	0,047	0,496	0,731	0,100	0,113	-0,106
EstresseFinanceiro_10	-0,101	-0,052	0,043	0,005	0,026	-0,018	0,041	0,008	0,361	0,604	0,060	0,034	0,028
EstresseFinanceiro_11	-0,034	0,054	0,167	0,040	0,122	0,122	0,202	0,049	0,548	0,760	0,076	0,194	-0,049
EstresseFinanceiro_12	-0,014	0,016	0,129	0,027	0,122	0,046	0,152	0,007	0,466	0,638	0,050	0,105	0,021
ExpectativasdeFuturo_BemEstar_03	0,050	0,094	-0,020	0,001	0,004	-0,069	-0,077	-0,008	0,037	0,042	0,725	-0,027	0,361
ExpectativasdeFuturo_BemEstar_04	0,099	0,105	0,035	-0,007	0,013	-0,103	-0,113	0,010	0,030	0,077	0,794	-0,024	0,374
ExpectativasdeFuturo_BemEstar_05	0,301	0,322	0,206	0,063	0,108	-0,013	0,055	-0,046	0,092	0,120	0,679	0,384	0,153
ExpectativasdeFuturo_Eventos_01	0,435	0,483	0,390	0,203	0,208	0,135	0,114	-0,046	0,066	0,066	0,104	0,750	-0,053
ExpectativasdeFuturo_Eventos_02	0,378	0,423	0,346	0,166	0,162	0,072	0,060	-0,050	0,058	0,076	0,137	0,790	-0,006
ExpectativasdeFuturo_Eventos_06	0,190	0,254	0,164	0,061	0,078	0,079	0,098	0,001	0,125	0,138	0,092	0,674	0,032
ExpectativasdeFuturo_Eventos_07	0,232	0,258	0,203	0,169	0,181	0,162	0,214	0,115	0,189	0,226	0,158	0,678	-0,026
ExpectativasdeFuturo_Presente_08	0,134	0,141	-0,007	-0,090	-0,033	-0,111	-0,140	-0,014	-0,007	-0,033	0,290	-0,012	0,779
ExpectativasdeFuturo_Presente_09	0,194	0,120	-0,027	-0,013	-0,017	-0,044	-0,060	-0,038	-0,035	-0,053	0,272	0,041	0,747
ExpectativasdeFuturo_Presente_10	0,075	0,075	0,021	-0,025	-0,021	-0,183	-0,099	0,007	0,066	0,031	0,357	-0,072	0,789

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

Perceba que as cargas fatoriais obtidas para os itens utilizados para mensurar quais os componentes do modelo conceitual apresentado por Gilligan (2012), refletem na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte apresentam valores mais elevados justamente nesta variável latente, o que indica validade convergente e validade discriminante. A TAB. 32 descreve a significância do modelo fatorial obtido para os itens que compõe o conhecimento adquirido.

Tabela 32: Resultados constructo Capital Social

Questões	Carga Fatorial	P-valor
01<-Conhecimento	0,728	< 0,001
05<-Conhecimento	0,537	< 0,001
07<-Conhecimento	0,593	< 0,001
10<-Conhecimento	0,739	< 0,001
13<-Conhecimento	0,775	< 0,001
14<-Conhecimento	0,566	< 0,001
15<-Conhecimento	0,525	< 0,001
03<-Expectativa	0,518	< 0,001
04<-Expectativa	0,792	< 0,001
09<-Expectativa	0,722	< 0,001
02<-Uso	0,661	< 0,001
06<-Uso	0,660	< 0,001
11<-Uso	0,639	< 0,001
12<-Uso	0,557	< 0,001

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

A análise da TAB. 33 nos permite observar que todas as questões utilizadas para mensurar o construto Capital Social têm um impacto significativo no construto, tendo em vista que a probabilidade de significância do teste t, obtido a partir de simulações Bootstrap é menor que 0,05.

A seguir é descrita a TAB. 33, que apresenta os resultados obtidos para o constructo Autoeficácia percebida.

Tabela 33: Resultados constructo Autoeficácia percebida.

Questões	Carga Fatorial	P-valor
03<-Confiança	0,822	< 0,001

05<-Confiança	0,821	< 0,001
06<-Confiança	0,639	< 0,001
01<-Habilidade	0,693	< 0,001
02<-Habilidade	0,715	< 0,001
04<-Habilidade	0,826	< 0,001
07<-Habilidade	0,816	< 0,001

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

Note que todas as questões trabalhadas para descrever o construto Autoeficácia percebida têm um impacto significativo no construto, tendo em vista que a probabilidade de significância do teste t, obtido a partir de simulações Bootstrap é menor que 0,05.

Os resultados obtidos para Expectativa de Futuro são descritas a seguir, pela TAB. 34.

Tabela 34: Resultados construto Expectativa de Futuro.

Questões	Carga Fatorial	P-valor
03<-Bem Estar	0,725	< 0,001
04<-Bem Estar	0,794	< 0,001
05<-Bem Estar	0,679	< 0,001
01<-Eventos	0,750	< 0,001
02<-Eventos	0,790	< 0,001
06<-Eventos	0,674	< 0,001
07<-Eventos	0,678	< 0,001
08<-Presente	0,779	< 0,001
09<-Presente	0,747	< 0,001
10<-Presente	0,789	< 0,001

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

Com relação às questões utilizadas para medir as Expectativas de Futuro dos entrevistados, todos os itens apresentam impacto significativo no seu construto, tendo em vista que a probabilidade de significância do teste t é menor que 0,05.

A TAB. 35 mostra os resultados obtidos para o construto Estresse Financeiro.

Tabela 35: Resultados constructo Estresse Financeiro.

Questões	Carga Fatorial	P-valor
01<-Extresse1	0,695	< 0,001
02<-Extresse1	0,792	< 0,001
03<-Extresse1	0,747	< 0,001
04<-Extresse1	0,722	< 0,001
05<-Extresse1	0,834	< 0,001
06<-Extresse1	0,577	< 0,001
07<-Extresse2	0,798	< 0,001
08<-Extresse2	0,829	< 0,001
09<-Extresse2	0,731	< 0,001
10<-Extresse2	0,604	< 0,001
11<-Extresse2	0,760	< 0,001
12<-Extresse2	0,638	< 0,001

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

Todos os itens utilizados para mensurar o estresse financeiro apresentam impacto significativo em seu construto, sendo p-valor menor que 0,05.

A TAB. 36 descreve os resultados obtidos para o construto Educação Financeira.

Tabela 36: Resultados constructo Educação Financeira.

Questões	Carga Fatorial	P-valor
01<-Básica	0,578	< 0,001
02<-Básica	0,648	< 0,001
03<-Básica	0,707	< 0,001
05<-Avançado	0,645	< 0,001
06<-Avançado	0,593	< 0,001
08<-Avançado	0,645	< 0,001
13<-Avançado	0,769	< 0,001
15<-Endividamento	0,827	< 0,001
16<-Endividamento	0,519	0,004

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

A partir da análise da TAB. 36 é possível perceber que todos os itens utilizados para mensurar o construto Educação Financeira apresentam impacto significativo em seu

construto, sendo p-valor do teste t, obtido por simulações *Bootstrap* menor que 0,05 em todos os casos. A seção a seguir apresenta o Modelo Estrutural.

4.3.3 Modelo Estrutural:

O modelo estrutural avalia as inter-relações entre os constructos do modelo, suas variáveis latentes, baseado nas hipóteses levantadas pela pesquisa, indicando a magnitude dessa relação bem como a tendência e significância da mesma (HAIR, 2009).

Esta seção trata da descrição dos resultados obtidos para o modelo estrutural proposto. A TAB. 37, descrita a seguir apresenta o modelo estrutural estimado, com os coeficientes e sua significância estimada através de simulações *bootstrap*.

Tabela 37: Descrição das relações do modelo estrutural.

Relação	Coef.	P-valor
Conhecimento -> Capital Social	0,561	< 0,001
Conhecimento -> Educação Financeira	0,017	0,609
Uso -> Capital Social	0,356	< 0,001
Uso -> Educação Financeira	0,011	0,608
Expectativa -> Capital Social	0,224	< 0,001
Expectativa -> Educação Financeira	0,007	0,601
Capital Social -> Educação Financeira	0,030	0,608
Habilidade -> AutoEficacia Percebida	0,590	< 0,001
Habilidade -> Educação Financeira	-0,001	0,974
Confiança -> AutoEficacia Percebida	0,468	< 0,001
Confiança -> Educação Financeira	-0,001	0,974
AutoEficacia Percebida -> Educação Financeira	-0,002	0,974
Bem Estar -> Expectativa Futuro	0,421	< 0,001
Bem Estar -> Educação Financeira	-0,010	0,683
Eventos -> Expectativa Futuro	0,599	< 0,001
Eventos -> Educação Financeira	-0,015	0,677
Presente -> Expectativa Futuro	0,477	< 0,001
Presente -> Educação Financeira	-0,012	0,681
Expectativa Futuro -> Educação Financeira	-0,025	0,684
Extresse1 -> Estresse Financeiro	0,507	< 0,001
Extresse1 -> Educação Financeira	0,000	0,996
Extresse2 -> Estresse Financeiro	0,557	< 0,001

Extresse2 -> Educação Financeira	0,000	0,996
Estresse Financeiro -> Educação Financeira	0,000	0,996
Básica -> Educação Financeira	0,213	< 0,001
Avançado -> Educação Financeira	0,570	< 0,001
Endividamento -> Educação Financeira	0,427	< 0,001

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

Observe que os construtos conhecimento, uso e expectativa impactam de forma direta e significativa no Capital social, no sentido de que quanto maior a avaliação dos entrevistados nestes itens, maior a percepção sobre o Capital Social, sendo p-valor menor que 0,05. Porém, estes construtos e o Capital Social não impactam de forma significativa a Educação Financeira, sendo p-valor maior que 0,05.

Os construtos habilidade e o confiança impactam de forma direta e significativa no resultado da Auto eficácia percebida, sendo p-valor menor que 0,05. Já a avaliação do impacto destes itens e da Auto eficácia percebida na educação financeira não é significativa, sendo p-valor maior que 0,05.

Os itens utilizados para explicar a Expectativa de Futuro, a saber o bem-estar, os eventos e o presente, impactam de forma direta e significativa no construto, sendo p-valor menor que 0,05. Por outro lado, estes itens e o construto Expectativa de Futuro não impactam de forma significativa a percepção dos entrevistados sobre Educação Financeira, sendo p-valor maior que 0,05.

Com relação ao construto Estresse Financeiro, observe que os itens que compõe este construto, Estresse 1 e Estresse 2 impactam de forma direta e significativa nos construtos. Quando avaliamos o impacto destes itens na Educação Financeira, observamos que não existe associação significativa entre estes itens, sendo p-valor maior que 0,05.

A seguir na TAB. 38, são descritas as medidas de qualidade do modelo estimado.

Tabela 38: Medidas de Qualidade do Modelo Estrutural.

Constructos	Conf. Composta	AVE	R²
Capital Social	-	-	0,989
Conhecimento	0,830	0,416	
Expectativa	0,723	0,472	
Uso	0,724	0,398	
Auto Eficácia Percebida	-	-	0,996
Habilidade	0,849	0,585	
Confiança	0,808	0,586	
Expectativa Futuro	-	-	0,998
Bem Estar	0,777	0,539	
Eventos	0,815	0,525	
Presente	0,816	0,596	
Estresse Financeiro	-	-	0,998
Extresse1	0,873	0,536	
Extresse2	0,872	0,535	
Educação Financeira	-	-	0,769
Básica	0,711	0,453	
Avançado	0,741	0,418	
Endividamento	0,634	0,477	
Média	-	0,503	0,950
R² Global (GoF)		0,691	

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

A validade convergente, medida de qualidade do modelo de mensuração, é avaliada através da AVE, o que determinou quanto as variáveis manifestas explicam dos constructos. O AVE global foi de 0,503, indicando que o modelo de mensuração explica 50% das variáveis latentes. Em geral as variáveis manifestas conseguem explicar mais de 50% da variabilidade dos seus construtos, com exceção do capital social e da educação financeira, com resultados próximos de 0,5. Este valor pode ser considerado baixo, mas tendo em vista que todos os itens apresentam carga fatorial acima de 0,5 ou próximas a este valor, possuem significância estatística e não existe nenhum item específico que julgamos prejudicar o modelo, consideramos como relevante e mantemos o modelo desta forma.

A partir da TAB. 38 é possível perceber que o modelo estimado conseguiu explicar 76,9% da variabilidade da variável Educação Financeira. A adequação geral do

modelo foi avaliada segundo o índice de adequação do modelo, estatística GoF, proposta por Tenenhaus, Amato e Vinzi (2004) que é média geométrica entre o R^2 médio (adequação do modelo estrutural) e a AVE média (adequação do modelo de mensuração). Para o modelo estrutural final o GoF estimado foi de 0,691 sendo considerado adequado pois está acima de 0,5.

A validade discriminante foi confirmada através da comparação das cargas fatoriais de cada indicador com sua variável latente e com as outras variáveis latentes, verificando que em geral esta é maior para a variável latente se comparada aos demais construtos, comprovando a validade discriminante do modelo estrutural.

Com relação à validade convergente não foram observados problemas tendo em vista que todos os itens utilizados para medir as variáveis latentes apresentam cargas fatoriais elevadas e significativas em seus próprios construtos.

A confiabilidade composta foi utilizada para avaliar a confiabilidade interna das escalas, tendo em vista as críticas relacionadas ao uso do Alfa de *Crombach* na avaliação de constructos (variáveis latentes) dentro de um modelo estrutural (BROWN, 2006; VEHKALAHTIN, PUNTANEN, TARKKONEN, 2006; CHIN, 1998, p. 320;). Assim, recomenda-se o uso da confiabilidade composta do constructo, que também considera como aceitáveis níveis acima de 0,7. Perceba, através da Tabela 8, que todos os construtos possuem confiabilidade satisfatória, com exceção do Endividamento cujo resultado foi de 0,643.

Quadro 10: Sumário dos Resultados Obtidos a Partir do Modelo Revisado.

Hipótese	Relação Avaliada	Coef.	P-valor	Decisão
H1	O nível do capital social influencia no conhecimento financeiro dos estudantes de Belo Horizonte.	0,030	0,608	Rejeita
H2	A auto eficácia percebida sobre suas finanças pessoais afeta o nível de conhecimento financeiro dos estudantes de Belo Horizonte.	- 0,002	0,974	Rejeita
H3	As expectativas futuras afetam o nível de conhecimento financeiro dos estudantes de Belo Horizonte.	- 0,025	0,684	Rejeita
H4	Há uma inter-relação entre o nível de estresse financeiro e a	0,000	0,996	Rejeita

	educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte.			
--	---	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa, resultados obtidos pelo software SmartPLS.

O AVE demonstrou que individualmente, as variáveis manifestas explicam mais de 50% da variabilidade de seus constructos latentes, e que as variáveis separadas possuem significância na educação financeira, deste modo, o modelo proposto foi considerado válido, uma vez que as suas cargas fatoriais são elevadas. No entanto não é percebido, no ponto de vista estrutural, uma associação significativa entre as variáveis Capital social, Autoeficácia Percebida, Expectativas de Futuro e Estresse Financeiro com a Educação Financeira da população estudada, rejeitando assim as hipóteses estabelecidas neste estudo, conforme no QUAD. 10.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, o tema educação financeira, ter atraído bastante atenção seja de pesquisadores ou governo, tanto no Brasil quanto Mundialmente. Ela se tornou um fenômeno que ultrapassa os limites da interdisciplinaridade, não sendo mais algo relacionado apenas ao bem estar individual, mas tornou-se uma questão de política pública.

Neste estudo, adotou-se como educação financeira o constructo internacionalmente difundido como *'financial literacy'*, cuja qual, ainda não possui uma definição conceitual acordada entre os pesquisadores. Há conceituação por parte de muitos pesquisadores: Mandell (2007); Lusardi e Mitchell (2007^a); Lusardi (2008); Huston (2010), Remund (2012); além de órgãos públicos ou sociais: BACEN, OECD, ESAF, etc.

Muitas de suas definições abordam questões sobre os conceitos e conhecimentos financeiros, enquanto outros abordam a aplicabilidade e capacidade para aplica-los. Nesta pesquisa foi adotada a conceituação feita por Remund (2010), em que educação financeira, é aquela em que o indivíduo, além de possuir conhecimentos financeiros, ele tem a habilidade e capacidade em aplicar esses conhecimentos, de forma eficaz e confiante, podendo assim administrar seus recursos pessoais, tomando decisões assertivas ponderadas em um planejamento de curto e longo prazo, em meio as mudanças econômicas que decorrem em sua vida.

Huston (2010) reforça este conceito, quando diz que a educação financeira possui duas dimensões: Conhecimento - que provém da educação ou experiência vivenciada ao longo da vida e com uso de produtos financeiros; e a Aplicação – que é a habilidade e confiança que o indivíduo tem em tomar decisões financeiras e aplicar o seu conhecimento adquirido.

Por conta da evolução nas regras e nos produtos financeiro, e a pouca preocupação com a educação financeira, por parte da população, há um crescente aumento na taxa de inadimplências. Donadio (2014) expõe em seu estudo a falta de preparo da população brasileira em gerenciar as suas finanças pessoais. Esta análise recebe

ainda maior respaldo com os dados informados pelo CNC (2016), em que do total das inadimplências em dezembro de 2016, 77,1% são dívidas com cartões de crédito, 14,4% de carnês, 10,4% financiamento de carros, 9,8% por crédito pessoal, e 22,7% referente a cheques especiais e pré-datados, créditos consignados entre outros. Em média, 30% das famílias estão endividadas, sendo que 21,5% alegam ter mais de 50% de sua renda comprometida.

Mckenzie (2009) faz menção a defasagem da educação financeira, que é gerada por um ciclo vicioso, onde os pais que não são educados financeiramente se tornam os primeiros difusores dos ensinamentos financeiros para os filhos. E para que seja quebrado este ciclo as instituições de ensino se tornam responsáveis por esta tarefa, desde o ensino fundamental até o superior.

Algumas instituições brasileiras começaram a ter um olhar para esse viés a respeito da educação financeira dos brasileiros. Considerando o nível escolar básico, há uma comoção para que o tema educação financeira seja parte fixa da Base Nacional Comum Curricular, que trata dos conteúdos bases para a grade escolar das escolas básicas.

Visando contribuir com a disseminação da temática para a academia e sociedade, este trabalho teve como problema norteador, **Quais os componentes do modelo conceitual apresentado por Gilligan (2012), refletem na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte?**

Para responder esta pergunta, este estudo buscou descrever e analisar os componentes do modelo conceitual apresentado por Gilligan (2012), que refletem na educação financeira dos estudantes de Belo Horizonte.

E como objetivos específicos: a) Identificar e descrever o nível do constructo de capital social dos estudantes de Belo Horizonte-MG; b) Identificar e analisar o nível do constructo de autoeficácia financeira percebida que melhor representa os estudantes de Belo Horizonte-MG; c) Identificar e analisar qual o nível do constructo acerca de expectativas de futuro consideradas pelos estudantes de Belo Horizonte-MG; d) Analisar a que nível pode ser medido o identificador do construto referente

ao estresse financeiro dos estudantes de Belo Horizonte-MG; e) Identificar a validação do modelo proposto por Gillian (2012), através de uma modelagem de equação estrutural (SEM).

Metodologicamente esta foi uma pesquisa quantitativa, que procedeu com uma análise exploratória dos dados, uma análise dos testes não paramétricos e posteriormente a modelagem de equação estrutural.

Na análise exploratória dos dados, foi apresentada e descrita todo o perfil da amostra, seguindo as variáveis referentes ao gênero, faixa etária, estado civil, condição de moradia, escolaridade, instituição de ensino, característica do trabalho atual, onde trabalha e renda pessoal, renda familiar.

Os testes não paramétricos associaram construtos (capital social, autoeficácia percebida, expectativa de futuro e estresse financeiro) com as variáveis: gênero, escolaridade, renda familiar. As demais variáveis que foram apresentadas na análise descritiva, não apresentaram variação entre as médias, por isso foram retiradas desta análise.

O construto capital social foi mensurado através da variável conhecimento adquirido, tendo como indicadores: uso, conhecimento e expectativa. Comparando com as variáveis referente a escolaridade o indicador de conhecimento, foi o que mais se destacou entre os diferentes níveis; Na comparação de gênero, o indicador significativamente predominante foi o relacionado ao uso, porém seu grau é baixo; Relacionando ao rendimento familiar, nota se que o conhecimento é indicador dominante.

Neste aspecto a média entre os indicadores demonstram que os indicadores de 'conhecimento' são predominantemente significativos a respeito do capital social, com um nível médio de 4,60, e um desvio padrão de 1,80. Com isto, é alcançado o primeiro objetivo específico da pesquisa.

O construto Autoeficácia percebida teve dois indicadores: Habilidade e Confiança. Ao comparar com o nível de escolaridade, gênero e renda familiar, percebe-se que o

indicador de habilidade se destaca. Evidenciando assim o indicador dominante com um grau de 5,51 e um desvio padrão de 2,19. Assim responde se o segundo objetivo.

No construto Expectativa de futuro, são três os indicadores: tomada de decisão, preocupação com o futuro e preocupação com o presente. A respeito da escolaridade, e renda familiar o indicador dominante é referente a preocupação com o futuro. A relação com o gênero indica que o indicador referente é o de tomada de decisão. A média identificada para responder o terceiro objetivo específico, foi a do indicador 'preocupação com o futuro'. Neste pode se observar que a maioria dos respondentes lida com suas finanças pensando no longo prazo, auferindo a média de 6,13, e com um desvio de 2.09.

Comparando as variáveis: nível de escolaridade, gênero e renda familiar com o construto de estresse financeiro, nota-se que o indicador predominante é referente aos recursos financeiros inadequados, onde a questão que predominou nesta análise foi: 'Não ter dinheiro para as compras do dia a dia, me deixa estressado'. Demonstrando um grau de 7,16 e um desvio padrão de 2,44. Alcançando o quarto objetivo específico.

Um achado importante nas análises dos testes não paramétricos foi a relação positiva entre o nível de educação e a renda familiar com o nível do capital social, onde quanto maior era a escolaridade e a renda familiar, maior era o nível do conhecimento adquirido. Outro achado interessante foi em relação ao gênero, que contrariando o achado em outras pesquisas, as mulheres demonstraram maior nível em relação ao conhecimento adquirido e à auto eficácia percebida, do que os homens. Em contra partida, os estudantes do gênero masculino, tiveram um nível mais elevado em relação à preocupação com o futuro e com o estresse financeiro. Percebeu – se porém, que em relação ao conhecimento financeiro, mensurado pelas notas ponderadas, foi evidenciado que as mulheres possuem um conhecimento médio menor que os homens.

Na modelagem de equações estruturais, buscou validar um modelo de mensuração seguindo a teoria do modelo proposto por Gilligan (2012) e adaptado por Donadio

(2014). No modelo de estrutural são avaliadas as inter-relações entre os constructos do modelo, suas variáveis latentes, baseado nas hipóteses levantadas pela pesquisa, indicando a magnitude dessa relação bem como a tendência e significância da mesma (Hair, 2009).

Foi identificado que os itens correspondentes de cada constructo, possuem relações diretas e significantes que explicam mais de 50% da variabilidade dentro de seus constructos. Devido as cargas fatoriais elevadas, foi possível validar o modelo proposto por Gilligan (2012) através do método de equações estruturais. Porém no ponto de vista estrutural, não houve uma associação significativa entre as variáveis estudadas (Capital Social, Autoeficácia Percebida, Expectativas de Futuro e Estresse Financeiro) e a Educação Financeira da população objeto de estudo, rejeitando assim as hipóteses estabelecidas.

Os resultados da pesquisa apontaram que os estudantes consideram o conhecimento que possuem acerca de educação financeira, e demonstram preocupação e habilidade para planejar suas finanças, pensando nas consequências futuras de suas atitudes e se preocupam quando não conseguem honrar seus compromissos do dia a dia. Tais resultados apontam também que os indicadores estabelecidos pelo modelo de Gilligan (2012) e Donadio (2014) explicam seus constructos, porém estes constructos não possuem uma relação significativa com a educação financeira.

Como limitações do estudo, tem a atribuição da nota do constructo Educação financeira por meio de média ponderada, o qual é completamente diferente das demais variáveis que eram mensuradas por escala *Likert*. Outra limitação foi a não abertura de escolas particulares e até estaduais, para a aplicação do instrumento de pesquisa.

Foi identificado durante a aplicação dos questionários nas escolas, que muitos professores consideram a ideia de educação financeira na escola básica como algo importante, mas ao mesmo tempo surge o questionamento de como os professores ou comunidade escolar se porta frente a suas próprias finanças pessoais? Deste

modo sugere-se fazer uma pesquisa com o corpo docente das escolas, a fim de comparar as percepções dos professores e alunos.

Sugere-se também a aplicação deste questionário em uma população diferente e mais robusta, de modo a alcançar uma associação significativa entre as variáveis do modelo, já validado, e a população pesquisada, comparando os resultados obtidos com a presente pesquisa.

Outra sugestão que ocorreu durante a pesquisa é avaliar como é o comportamento do indivíduo que deseja ter uma boa saúde financeira, mas ao mesmo tempo se sente compulsivo em comprar as coisas de seu interesse.

REFERÊNCIAS

- ADVFN-BRASIL. **PIB Brasil 2016**. 2017. Disponível em: <<http://br.advfn.com/indicadores/pib/brasil/2016>>. Acesso em: 18 Abr. 2017.
- Associação de Educação Financeira do Brasil – AEF - Brasil. **Educação Financeira**. 2017. Disponível em: <<http://www.aefbrasil.org.br/index.php/educacao-financeira/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- AUGUSTINIS, V. F.; COSTA, A. S. M.; BARROS, D. F. Uma análise crítica do discurso de Educação Financeira: por uma Educação para Além do Capital. **Revista ADM. MADE**, v. 16, n. 3, p. 79-102, 2012.
- BACEN - BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Guia de Excelência de Educação na Oferta de Serviços Financeiros**. Banco Central do Brasil. Brasília: BCB, 2014, vol. 1, 2ª edição, 48p. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/guia_de_excelencia_internet.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- BACEN - BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Programa de Educação Financeira**. Apresenta o programa de educação financeira desta instituição. Brasília: BACEN, 2014. Disponível em: <http://www.bacen.gov.br/?PEF-BC> Acesso em: 10 abr. 2015.
- BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: a social cognitive theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986.
- BEAL, D. J; DELPACHITRA, S. B. Financial Literacy among Australian university students. **Economic Papers**, v. 22, n. 1, p. 65-78, Mar. 2003.
- BENDAVID-HADAR, I.; HADAD, Y. Financial Education for Children: the Israeli case. Citizenship, **Social and Economics Education**, v. 12, n. 1, p. 48-57, 2013.
- BIROCHI, R.; POZZEBON, M. Aprimorando a inclusão financeira: rumo a um quadro teórico de educação financeira crítica. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 3, p. 266-287, 2016.
- BOURDIEU, P. Le capital social: notes provisoires. **Actes Rech. Sci. Soc.** 31, p. 2–3 1980.
- BRAIDO, G. M. Planejamento Financeiro Pessoal dos Alunos de Cursos da Área de Gestão: estudo em uma instituição de ensino superior do Rio Grande do Sul. **Revista Estudo & Debate**, v. 21, n. 1, 2014.
- BRASIL, Portal. **FMI melhora previsão para PIB brasileiro em 2016 e 2017**. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/07/fmi-melhora-previsao-para-pib-brasileiro-em-2016-e-2017>>. Acesso em 18 de Abr. 2017.
- BROWN, T. A. **Confirmatory Factor Analysis for Applied Research**. USA: The Guilford Press, 2006. p. 337-345.

CANDIDO, J. G.; FERNANDES, A. H. S. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 5, n. 2, p. 894-913, 2014.

CHIN, W. W. The Partial Least Squares Approach to Structural Equation Modeling. In: MARCOULIDES, G.A. (Ed.) **Modern Methods for Business Research**. USA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., p. 295-336, 1998.

COLEMAN, J. S. The design of organizations and the right to act. **Sociology Forum** 8, p. 527-46, 1993.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO - CNC. **Pesquisa Nacional de Inadimplência do Consumidor (PEIC)**. Brasília, Dezembro, 2016. Disponível em: <http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/analise_peic_dezembro_2016.pdf>. Acesso em 18 Abr. 2017.

CONTO, S. M.; FALEIRO, S. N.; FÜHR, I. J.; KRONBAUER, K. A. O Comportamento de Alunos do Ensino Médio do Vale do Taquari em Relação às Finanças Pessoais. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 8, n. 2, p. 182-206, 2015.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2003.

COSTA, C. M.; MIRANDA, C. J. Educação financeira e taxa de poupança no Brasil. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 3, n. 3, p. 57-74, 2013.

DONADIO, R. **Educação financeira de estudantes universitários: uma análise dos fatores de influência**. 2014. 148 f. Tese (doutorado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2014.

FLORES, S. A. M.; VIEIRA, K. M.; CORONEL, D. A. Influência de fatores comportamentais na propensão ao endividamento. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 2, p. 13-35, 2013.

FREITAS, H. et al.; O Método de Pesquisa Survey. **Revista de Administração**: v.35, n.3, p. 105-112, julho/setembro 2000.

GERRARD, B. Probability, uncertainty and behaviour: a Keynesian perspective. **Keynes, Knowledge and Uncertainty**, Aldershot, Edward Elgar, 1995.

GILLIGAN, H.L. **An examination of the financial literacy of California college students**. Tese (Doctor of Educational Leadership Committee)-University of San Diego, 2012.

HAIR, J. F. et al. **Análise Multivariada de Dados**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

HAIR, J. F. et al. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HAIR, J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAIR, J. F. et al. **Fundamentos de Pesquisa de Marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

HAIR, J. F. JR. et al.; **Análise de Dados Multivariados**. 6. ed. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 2009.

HOSPIDO, L.; VILLANUEVA, E.; ZAMARRO, G. Finance for All: The Impact of Financial Literacy Training in Compulsory Secondary Education in Spain. **EUROPEAN JOURNAL OF FINANCE**, 2015.

HSU-TONG, *et. al.* Influence of financial literacy of teachers on financial education teaching in elementary schools. **International Journal of e-Education, e-Business, e-Management and e-Learning**, v. 3, n. 1, p. 68-73, February 2013.

HUSTON, S.J. Measuring financial literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, v.44, n.2, Summer, 2010. Disponível em: <<http://urbanupbound.org/wp-content/uploads/2014/08/Measuring-Financial-Literacy.pdf>>. Acesso em: 05 Abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Brasil, Dezembro, 2016.

Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201604_trimestre_caderno.pdf>. Acesso em 18 Abr. 2017.

JOIREMAN, J.; SPROTT, D. E.; SPANGENBERG, E. R. Fiscal responsibility and the consideration of future consequences. **Personality and individual differences**, v. 39, n. 6, p. 1159-1168, 2005.

KEYNES, J. Maynard. **A teoria geral do juro do emprego e da moeda**. [Tradução de Mário R. da Cruz]. 1985. São Paulo, Nova Cultural.

KIM, J.; GARMAN, E. T. Financial stress and absenteeism: an empirically derived model. **Financial Counseling and Planning**, v. 4, n.1,p.31-42, 2003.

KÜHL, M. R.; VALER, T.; GUSMÃO, I. B. Alfabetização Financeira: Evidências e Percepções em uma Cooperativa de Crédito. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 2, p. 53-80, 2016.

LOKE, Y. J. Financial Knowledge and Behaviour of Working Adults in Malaysia. Margin: **The Journal of Applied Economic Research**, v. 9, n. 1, p. 18-38, 2015.

LUCEY, T. A.; BATES, A. Comparing Teacher Education and Finance Majors' Agreement with Financial Morality Topics. *Citizenship, Social and Economics Education*, v. 13, n. 1, p. 39-52, 2014.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning in the United States. *Journal of Pension Economics and Finance*, v. 10, n. 04, p. 509-525, 2011.

MAGALHÃES, M. M.; LIMA, A. C. P.; **Noções de Probabilidade e Estatística**. 6ª edição, IME-USP, ED. USP, 2002.

MANDELL, L. **The financial literacy of young American adults**: results of the 2008 National Jump\$tart Coalition Survey of High School and College Students. Jump\$tart Coalition for Personal Financial Literacy, Washington, D.C.: 2008.

MANTON, E.J. et al. What College Freshmen Admit To Not Knowing About Personal Finance. *Journal of College Teaching & Learning*, v. 3 n. 1, Jan. 2006.

MATTA, R. O. B. **Oferta e Demanda de informação financeira pessoal: O programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os Universitários do Distrito Federal**. Brasília, 2007. Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1196. Acesso em: 30 abr. 2015.

MCKENZIE, V. M. **The financial literacy of university students**: a comparison of graduating seniors' financial literacy and debt level. (Phd in Education) - University of South Florida, Florida, USA, 2009.

MEDEIROS, F. S. B.; LOPES, T. A. M. Finanças pessoais: um estudo com alunos do Curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria – RS. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, v. 7, n. 2, p. 221-251, Maio-Agosto, 2014. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/EeN>>. Acesso em: 21 Abr. 2017.

MINGOTI, S. A. **Análise de Dados Através de Estatística Multivariada**: Uma abordagem aplicada. Primeira Edição, 2005. Editora UFMG.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC. **Base Nacional Comum**. 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/34351-mec-apoia-insercao-da-tematica-educacao-financeira-no-curriculo-da-educacao-basica>>. Acessado em abril de 2017.

MOREIRA, R. C.; CARVALHO, H. L. F. S. As Finanças Pessoais dos Professores da Rede Municipal de Ensino de Campo Formoso-BA: um estudo na Escola José de Anchieta. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, UNEB, Salvador, v. 3, n. 1, p. 122-137 jan/abr., 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/financ>>. Acesso em 20 Abr. 2017.

OCDE - ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Assessoria de Comunicação Social. **Advancing National Strategies for Financial Education**. OCDE, 2014. Disponível em:

<<http://www.oecd.org/finance/financialeducation/nationalstrategiesforfinancialeducation.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

OLIVIERI, M. F. A. Educação Financeira. **Revista Eniac Pesquisa**, v. 2, n. 1, p. 43-51, 2013.

PEREIRA, E. S.; ZDANOWICZ, J. E. A educação financeira nas escolas de santo antônio da Patrulha-RS. **Revista de Administração de Empresas Eletrônica-RAEE**, v. 1, n. 1, 2015.

PEREIRA, J. M. Uma avaliação dos impactos das crises política e ética no desempenho da economia brasileira. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, Brasil, (agosto 2016). Disponível em: <<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/16/impeachment.html>>. Acesso em 24 Mar. 2017.

PICCOLI, M. R.; SILVA, T. P. Análise do Nível de Educação em Gestão Financeira dos Funcionários de uma Instituição de Ensino Superior . **Revista Economia & Gestão**, v. 15, n. 41, p. 112-134, 2015.

PINHEIRO, R.P. Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão. Artigo Publicado no Livro. **Fundos de Pensão e Mercado de Capitais**. Instituto San Tiago Dantas de Direito e Economia e Editora Peixoto Neto. São Paulo. set/2008.

PORTES, A. **Economic sociology**: asystematic inquiry. Princeton, University, Princeton, N.J., 2010.

PORTES, A. The Two Meanings of Social Capital. **Sociological Forum**, v.15, n.1, 2000.

POTRICH, A. C. G. et al. Educação Financeira dos Gaúchos: Proposição de uma Medida e Relação com as Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 9, n. 3, 2015.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Você é Alfabetizado Financeiramente? Descubra no Termômetro de Alfabetização Financeira. BASE - **Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 13, n. 2, p. 153-170, 2016.

PRAWITZ, A. D. et al. The incharge financial distress/financial well-being scale: Establishing validity and reliability. In: **Proceedings of the Association for Financial Counseling and Planning Education Conference**. 2006. p. 77-89.

PROCHASKA, J.O.; DICLEMENTE, C. C. Stages and processes of self-change of smoking: toward an integrative model of change. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 51, n. 3, p. 390-395, June, 1983.

RASOAI, L. et al. Determinants of Financial Literacy among the National University of Lesotho Students. **EUROPEAN JOURNAL OF FINANCE**, 2015.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 284, 2010. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-6606.2010.01169.x/pdf>>. Acesso em: 05 Abr. 2017.

RIBEIRO, C. A. S. et al. Educação Financeira Aplicada à Educação de Jovens e Adultos na Região do PADAP, Minas Gerais. **Revista Brasileira de Educação e Cultura - RBEC**, n. 11, p. 92-117, 2015.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; PETRONI, L. M. A educação financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). **IX SEMEAD – Seminários em Administração. FEA/USP**, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/45.pdf>. Acesso em: 30 set. 2015.

SAVÓIA, J.R. et al. Paradigmas da educação financeira no Brasil, **RAP**, v. 41, n. 6, p. 1121 - 41, Rio de Janeiro, Nov./Dez. 2007.

SILVA, Jucyara Gomes; SILVA NETO, Odilon Saturnino; ARAÚJO, Rebeca Cordeiro Cunha. Educação Financeira de Servidores Públicos: Hábitos de Consumo, Investimento e Percepção de Risco. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v. 5, n. 2, p. 104-120, 2017.

STOLPER, O. A.; WALTER, A. Financial literacy, financial advice, and financial behavior. **Journal of Business Economics**, p. 1-63, 2016.

STRATHMAN, A. et al. The consideration of future consequences: weighing immediate and distant outcomes of behavior. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.66, n.4, Apr., p. 742-752, 1994.

TENENHAUS, M.; AMATO, S.; VINZI, V.E. A Global Goodness-of-Fit index for PLS Structural Equation Modeling. In Atti della XLII Riunione Scientifica della Società Italiana di Statistica. **Anais...** Roma: 2004. Disponível em: <<http://www.sis-statistica.it/files/pdf/atti/RSBa2004p739-742.pdf>>. Acesso em: 10 Mai 2010.

TENENHAUS, M.; VINZI, V.E.; CHATELIN, Y.; LAURO, C. **PLS Path Modeling**. Computational Statistics & Data Analysis, v. 48, p. 159-205, 2005.

TRIOLA, M. F. **Introdução à Estatística**. 7 Edição, Addison Wesley Longman, Inc. 1998.

VAN ROOIJ, M; LUSARDI, A; ALESSIE, R. Financial literacy and stock Market participation. **Journal of Financial Economics**, v. 101, n. 2, p. 449-472, Ago 2011.

VENHKALAHTIN, K.; PUNTANEN, S.; TARKKONEN, L. **Estimation of reliability: a better alternative for cronbach's alpha**. Reports in Mathematics. Finland: University of Helsinki, Department of Mathematics and Statistics, 2006.

VILAIN, J. S. B.; PEREIRA, M. F. O impacto do status no planejamento financeiro pessoal: estudo de caso com os advogados de Florianópolis, Santa Catarina. **Revista Gestão & Planejamento**, v. 14, n. 3, p. 470-488, 2013.

WERKEMA, M. C. C.; AGUIAR, S. **Análise de Regressão: Como entender o relacionamento entre as variáveis de um processo**. Série Ferramentas da Qualidade, Volume 7. Primeira Edição, Fundação Christiano Ottoni. 1999.

XIAO, J. J. et al. A consumer education program based on the transtheoretical model of change. **International Journal of Consumer Studies**, v. 28, p. 55-65, 2004.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO – DISSERTAÇÃO MESTRADO – EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Este questionário é parte importante do meu projeto de dissertação de mestrado no Centro Universitário Unihorizontes. Sua ajuda em respondê-lo é extremamente relevante para que eu possa concluir meu mestrado. Obrigado pela colaboração.

A) QUESTIONÁRIO SÓCIOECONOMICO:

1- SEXO:

Masculino Feminino

2 - FAIXA ETÁRIA:

Até 18 anos De 19 anos à 22 anos De 23 anos à 26 anos De 27 anos à 30 anos Mais de 31 anos

3 - ESTADO CIVIL:

Solteiro (a) Casado (a) União Estável Divorciado (a) / Separado (a) Viúvo (a)

4 – ATUALMENTE MORO:

Com meus pais Sozinho Com dependentes (Filhos, cônjuge, etc.)

5 - ESCOLARIDADE:

Fundamental EJA Fundamental Ensino Médio EJA Ensino Médio
 Ensino Superior Pós graduação

6 - INSTITUIÇÃO DE ENSINO:

Instituição Pública Instituição Privada

7 - CARACTERÍSTICAS DE SEU TRABALHO ATUAL:

Nunca trabalhou Já trabalhou Trabalha

8 – EMPRESA QUE TRABALHA

Setor Público Setor Privado

9 - RENDA PESSOAL

Até R\$937,00 R\$937,01 - R\$2.8011,00 R\$2.8011,01 - R\$4.685,00

R\$4.685,01 - R\$14.055,00 + de R\$14.055,00

10 - RENDA FAMILIAR MENSAL ATUAL:

Até R\$937,00 R\$937,01 - R\$2.8011,00 R\$2.8011,01 - R\$4.685,00

R\$4.685,01 - R\$14.055,00 + de R\$14.055,00

B) CONHECIMENTO ADQUIRIDO

A seguinte etapa possui 15 afirmativas, por favor, marque nas escalas o seu nível de concordância com os eventos citados abaixo. A escala abaixo possui níveis de 1 (um) à 10 (dez).

1 – Meu conhecimento sobre a poupança é:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

2 – Eu uso/usei a caderneta de poupança:

Nunca	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Sempre
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--------

3 – Para mim as aplicações em caderneta de poupança rendem:

Pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Muito
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	-------

4 – Meu nível de conhecimento sobre aplicações no mercado financeiro (CDBs, Fundos DI, etc) é:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

5 – Eu aplico/apliquei meu dinheiro em aplicações no mercado financeiro (CDBs, Fundos DI, etc):

Nunca	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Sempre
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--------

6 – Para mim as aplicações no mercado financeiro (CDBs, Fundos DI, etc), rendem:

Pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Muito
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	-------

7 – Meu conhecimento sobre aplicações em bolsa de valores é:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

8 – Eu uso/usei uma aplicação na bolsa de valores:

Nunca	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Sempre
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--------

9 – Para mim as aplicações na bolsa de valores, rendem:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

10 – Meu conhecimento sobre as taxas e formas de uso do cartão de crédito é:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

11 – Eu faço/fiz compras com o cartão de crédito:

Nunca	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Sempre
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--------

12 – Quando uso o cartão de crédito, minha expectativa de gastar menos, é:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

13 – O conhecimento que possuo sobre finanças pessoais é:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

14 – O nível de influencia do conhecimento financeiro dos meus pais sobre a gestão das minhas finanças pessoais é:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

15 – Meu interesse em buscar conhecer mais sobre finanças pessoais é:

Baixo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Alto
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------

C) AUTOEFICÁCIA PERCEBIDA

Por favor, reflita sobre seus sentimentos com relação à administração de suas finanças pessoais e assinale seu nível de concordância com relação à cada uma das 07 (sete) afirmações. A escala abaixo possui níveis de 1 (um) à 10 (dez), sendo 1 'Discordo Totalmente' e 10 'Concordo Totalmente':

1 - Sempre consigo dar um jeito de resolver problemas financeiros difíceis, se eu fizer o esforço necessário.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

2 - É fácil persistir em meus objetivos e realizá-los, independentemente da minha situação financeira.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

3 - Tenho confiança de que, se necessário, eu poderia lidar de forma satisfatória com eventos financeiros inesperados.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

4 - Graças à minha desenvoltura, sei como lidar com situações financeiras imprevistas.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

5 - Eu consigo me manter calmo quando enfrento dificuldades financeiras, porque posso confiar nas minhas habilidades para lidar com elas.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

6 - Eu consigo me manter calmo quando enfrento dificuldades financeiras, porque posso confiar em outras pessoas para me ajudar (pais, familiares e amigos).

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

7 - Quando me confronto com problemas financeiros, em geral, consigo encontrar várias soluções para resolvê-los.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

D) EXPECTATIVAS DE FUTURO

Por favor, indique o quanto cada uma das 10 (dez) afirmações abaixo descreve ou não: a forma como você aborda o seu planejamento financeiro ou o seu comportamento financeiro pessoal. A escala abaixo possui níveis de 1 (um) à 10 (dez), sendo 1 'Discordo Totalmente' e 10 'Concordo Totalmente':

1 - Eu planejo como as coisas deveriam ser no futuro e tento influenciá-las com meu comportamento do dia-a-dia.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

2 - Frequentemente, eu me dedico a um comportamento em particular, com a intenção de conseguir resultados que podem acontecer apenas daqui a vários anos.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

3 - Eu apenas me dedico a resolver minhas preocupações imediatas, imaginando que o futuro tomará conta de si mesmo.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

4 - Eu me comporto levando em conta apenas os resultados imediatos das minhas ações (dias ou semanas).

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

5 - Minha conveniência é um fator considerável, tanto nas minhas decisões como nas minhas ações.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

6 - Estou disposto a sacrificar minha felicidade ou bem-estar imediatos para alcançar determinados resultados futuros.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

7 - Acredito que alertas sobre potenciais resultados negativos devem ser levados a sério, mesmo se este potencial resultado negativo possa ocorrer apenas daqui a muitos anos.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

8 - Geralmente, eu ignoro os alertas sobre possíveis problemas futuros, porque acredito que os problemas se resolverão antes que possam se tornar motivo de estresse excessivo.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

9- Acredito que é desnecessário sacrificar-se agora, uma vez que se pode lidar com resultados futuros num momento posterior.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

10- Eu apenas tomo ação para satisfazer minhas preocupações imediatas, imaginando que tomarei conta de problemas futuros em datas posteriores.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

E) ESTRESSE FINANCEIRO

Esta etapa possui 12 afirmações, por favor, considere com que frequência você se sentiu estressado com os seguintes eventos financeiros nos últimos meses. A escala abaixo possui níveis de 1 (um) à 10 (dez), sendo 1 'Nunca' e 10 'Sempre':

1 – Pagar as contas em atraso, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

2 – Não ter dinheiro para as compras do dia – a – dia, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

3 - Viver na expectativa do recebimento do salário para quitar as contas, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

4 - Não ter renda fixa, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

5 – Quando o dinheiro que ganho, não é suficiente para cobrir as despesas, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

6 - Saber que eu ou minha família ganha menos do que a maioria das pessoas que conheço, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

7 - Ter dívidas de alto valor me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

8 - Não ganhar o suficiente para cobrir despesas inesperadas, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

9 – Pegar empréstimos com altas taxas de juros, para o pagamento de dívidas, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

10 - Ter que realizar despesas com festas e ocasiões especiais, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

11 - Precisar pedir dinheiro emprestado de familiares e amigos, me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

12 – Pagar impostos me deixa estressado.

Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Concordo Totalmente
---------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	---------------------

F) EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Esta etapa é referente aos seus conhecimentos sobre educação financeira. Ele possui 16 questões, às quais deve-se marcar apenas uma resposta.

1 - Suponha que você tivesse R\$ 100,00 em uma conta de poupança, onde a taxa de juros fosse 2% ao ano. Ao final de 5 anos, quanto você acha que teria nessa conta se tivesse deixado seu dinheiro lá, sem mexer nele?

Mais do que R\$ 102,00 Exatamente R\$ 102,00 Menos do que R\$ 102,00

2 - Imagine que a taxa de juros de sua conta poupança é de 1% ao ano e a inflação de 2% ao ano. Depois de um ano, quanto você seria capaz de comprar com o dinheiro dessa conta?

Mais do que compraria hoje Exatamente o mesmo Menos do que hoje

3 – Se seu amigo herdar R\$ 100.000,00 hoje e o irmão dele herdar R\$ 100.000,00 daqui a 3 anos. Sabendo-se que pessoa que herdou o dinheiro hoje manteve o dinheiro aplicado. Quem é mais rico por causa dessa herança?

Seu amigo O irmão dele Eles são igualmente ricos

4 - Suponha que em 2018, sua renda dobre e que os preços de todos os bens dobrem também. Em 2018, quanto você conseguirá comprar com sua renda?

Mais do que hoje O mesmo Menos do que hoje

5 - Qual afirmação descreve melhor a função principal do mercado de ações?

- () O mercado de ações ajuda a prever os ganhos com ações
- () O mercado acionário espelha o aumento de preço das ações
- () O mercado acionário reúne as pessoas que querem comprar e as que querem vender ações.

6 - O que acontece se alguém vender todas as suas ações da empresa A.

- () Ele transfere uma parte da empresa A para um terceiro;
- () Ele coloca dinheiro no caixa da empresa A
- () Ele transfere as dívidas da empresa A para um terceiro;

7 - Qual afirmação sobre fundos de investimento é correta?

- () Quando uma pessoa aplica dinheiro em um fundo de investimento, ela não poderá retirar o dinheiro por um ano.
- () Os fundos de investimento podem investir em vários ativos simultaneamente, por exemplo, em ações, em títulos indexados à taxa prefixada, à taxa pós-fixada, etc.
- () Os fundos de investimento pagam uma taxa de retorno garantida, a qual dependerá de sua performance passada.

8 - O que acontece se alguém compra ações da empresa B?

- () Ele é responsável por dívidas de empresa de B,
- () Ele emprestou dinheiro para a empresa B,
- () Ele é dono de uma parte da empresa B;

9 - Considerando-se um longo período de tempo (por exemplo, 10 ou 20 anos), o ativo normalmente dá o maior retorno é:

- () A conta de poupança; () Títulos Públicos; () Ações

10 - Normalmente, qual ativo tem maiores oscilações em seus preços ao longo do tempo?

- () A conta de poupança; () Dólar; () Títulos Públicos .

11 - Quando um investidor distribui seu dinheiro entre diferentes aplicações, em geral, o risco de perder dinheiro:

Aumenta Diminui Permanece o mesmo

12 - Se você comprar um título do governo que vence em 10 anos, isso significa que você não pode vendê-lo antes do prazo sem incorrer em penalidades.

Verdadeiro Falso Não Sei

13 - Os investimentos em ações são, normalmente, mais arriscados do que em poupança.

Verdadeiro Falso Não Sei

14 - Se a taxa de juros cai, o preço dos títulos pré-fixados:

Sobe Cai Fica o mesmo

15 - Suponha que você tem R\$ 1000,00 a pagar em seu cartão crédito, que a taxa de juro anual é de 20%. Se você não pagar nada e não fizer mais despesas no mesmo cartão, a esta taxa, quantos anos irão levar para que esta quantia dobre?

Menos de 5 anos De 5 a 10 anos Mais de 10 anos

16 - Você compra um aparelho que custa R\$ 1.000. Para pagar por este aparelho, você tem as seguintes opções: a) pagar 12 parcelas mensais de R\$ 100 cada; b) Contrair um empréstimo à taxa de juros anual de 20% e pagar R\$ 1.200 daqui a um ano. Qual é a oferta mais vantajosa?

Opção a Opção b Ambas as opções dão o mesmo resultado.